



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Faculdade de Ciências - Bauru



**Vitória Nogueira Cintra**

**PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO ESPORTIVA:  
CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DO BASQUETEBOL NO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO PSICOSSOCIAL DE JOVENS ATLETAS**

**Bauru**

**2022**

**Vitória Nogueira Cintra**

**PROF. DR. RUBENS VENDITTI JÚNIOR (ORIENTADOR)**

**PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO ESPORTIVA:  
CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DO BASQUETEBOL NO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO PSICOSSOCIAL DE JOVENS ATLETAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

**Bauru**

**2022**

C575p	<p>Cintra, Vitória Nogueira</p> <p>PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO ESPORTIVA : CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO DO BASQUETEBOL NO PROCESSO DE FORMAÇÃO PSICOSSOCIAL DE JOVENS ATLETAS / Vitória Nogueira Cintra. -- Bauru, 2022 82 p. : il., tabs.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru Orientador: Rubens Venditti Júnior</p> <p>1. Pedagogia do Esporte. 2. Basquetebol. 3. Treinador. 4. Formação. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru.

Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**Vitória Nogueira Cintra**

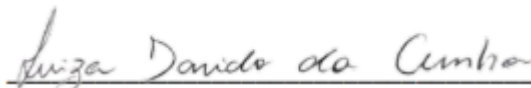
**PEDAGOGIA DO ESPORTE E A INICIAÇÃO ESPORTIVA:  
O IMPACTO DO BASQUETEBOL E SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO PSICOSSOCIAL DE JOVENS ATLETAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Câmpus de Bauru, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física.

Comissão Examinadora



Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior (Orientador)



Prof. Ma. Luiza Darido da Cunha (Banca examinadora)



Prof. Me. Marlus Alexandre Souza (Banca examinadora)

Bauru, 24 de fevereiro de 2022.

*Dedico este trabalho à minha avó, Maria Aparecida do Lago (in memoriam), que acompanhou minha trajetória no basquetebol e o meu sonho da graduação em Educação Física. Maior exemplo de simplicidade e superação, frequentemente me deu forças e suporte para seguir meu sonho com alegria e dedicação. A qual a maior realização era me ver concluir a graduação, para repassar uma das lições de vida mais significativas que me ensinou, a de cuidar das pessoas, ajudar a ter uma maior qualidade de vida e, acima de tudo, saúde. Hoje, formada, posso dizer que tornou este sonho o meu e agora, a minha realidade. Agradeço a cada experiência e conhecimento obtido através dessa grande mulher, mãe, avó, amiga, companheira e pessoa, que tanto queria estar presente neste momento, assim como eu queria que estivesse, mas como lição ela nos deixou a união e amor pela família, então, em meu nome e de toda a nossa família, hoje concluo mais um ciclo, bem como mais um passo na minha evolução. Meus mais sinceros agradecimentos a senhora.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rubens Venditti Júnior, que me abriu as portas do laboratório no final de 2016, me dando a oportunidade de estudar um tema que eu tanto queria.

À minha família, especialmente ao meu pai, Samuel de Aguiar Cintra, minha mãe, Maria Goreti Nogueira Cintra e meu irmão, Samuel Nogueira Cintra, que sempre me incentivaram e estiveram do meu lado desde o início da graduação.

A três participantes da entrevista que, desde o início, já eram nomes que eu fazia questão em ter nos meus agradecimentos. Júlio Cesar Freitas, meu primeiro técnico de basquete, meu primeiro professor de Educação Física e meu maior exemplo de profissional, principal responsável por ter me tornado quem sou hoje dentro do esporte, minha eterna gratidão. À Suzete Pereira da Silva Gobbi, responsável pelo projeto Suzete Basquete na escola Criarte de Bauru, onde tive o privilégio de fazer parte como voluntária e, posteriormente, integrando a Comissão Técnica da equipe, lugar em que aprendi muito, principalmente com ela, uma das principais responsáveis por me fazer querer estudar ainda mais o assunto, por ver o quanto era feito com amor ao esporte. Por fim, ao Luís Claudio da Mota Correia, que foi meu técnico da seleção mineira em 2012 e de extrema importância na minha formação, o qual compartilhou conhecimentos sobre o tema e deu a oportunidade de assistir aulas em seu grupo de estudo sobre Pedagogia do Esporte e Basquetebol.

Gostaria também de agradecer a uma amiga especial, Julie Coraça Figueiredo, mestranda da área de Pedagogia do Esporte, que nunca mediu esforços em me ajudar, me deu ideias sobre qual área investigar e me disponibilizou contatos de vários técnicos da região de Campinas com currículos majestosos dentro da modalidade, em que pude ampliar ainda mais meu conhecimento.

E, em especial, à minha companheira, Sara Caroline de Freitas, que desde o início me incentivou, abdicou de tarefas pessoais para me dar suporte, me ajudou de todas as formas possíveis e me fez sentir capaz de enfrentar este processo em meio à dificuldade.

Minha eterna gratidão a todos os envolvidos.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições do ensino do basquetebol no processo de formação psicossocial de jovens atletas, vinculados ao conceito aplicado dentro dos parâmetros da Pedagogia do Esporte. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, e a técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada composta por 6 questões, e a técnica de análise foi uma entrevista online, através de chamada por vídeo, utilizando a plataforma Google Meet. Os sujeitos participantes da pesquisa foram onze treinadores de basquetebol de jovens atletas, sendo 9 do sexo masculino e 2 do sexo feminino. Os resultados revelaram que ainda se enfrenta diversos desafios para chegar num contexto satisfatório em relação à formação de atletas, de modo que os dados coletados mostram que 45% dos profissionais apresentam a dupla formação, mas poucos têm passagens pelo cenário escolar, contexto este que é evidente na importância da trajetória do atleta. Com todos os avanços da tecnologia e modificações que o esporte já sofreu até chegar ao que se presencia atualmente, conclui-se que haverá uma busca cada vez maior por uma pedagogia que não apenas leve em conta procedimentos pedagógicos, mas que, sobretudo, seja vista como um processo capaz de lidar com o esporte, respeitando seus diferentes significados e intenções.

Palavras-chave: Formação. Pedagogia do Esporte. Treinador. Basquetebol.

## **ABSTRACT**

This research aimed to analyze the contributions of basketball teaching in the process of psychosocial training of young athletes, linked to the concept applied within the parameters of Pedagogy of Sport. The methodology used was of a qualitative nature, and the data collection technique was the semi-structured interview consisting of 6 questions, and the analysis technique was an online interview, through video call, using the Google Meet platform. The subjects participating in the research were eleven basketball coaches of young athletes, 9 male and 2 female. The results revealed that several challenges are still faced to arrive at a satisfactory context in relation to the training of athletes, so that the data collected show that 45% of professionals have dual training, but few have passed through the school scenario, a context that is evident in the importance of the athlete's trajectory. With all the advances in technology and changes that the sport has undergone until reaching what is currently witnessed, it is concluded that there will be an increasing search for a pedagogy that not only takes into account pedagogical procedures, but that, above all, is seen as a process capable of dealing with sport, respecting its different meanings and intentions.

Keywords: Training. Sport Pedagogy. Coach. Basketball.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 - Modelo Pendular .....</b>	<b>18</b>
<b>Figura 2 - Representação esquemáticas das Inteligências Múltiplas.....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 3 - Modelo organizado dos 3 conhecimentos sobre competências funcionais .....</b>	<b>31</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 - Amostra da formação profissional dos técnicos.....</b>	<b>45</b>
<b>Gráfico 2 - Área de atuação dos profissionais .....</b>	<b>46</b>
<b>Gráfico 3 - Técnicos com experiências anteriores como atletas .....</b>	<b>47</b>
<b>Gráfico 4 - Dificuldade encontrada a ser trabalhada no esporte no âmbito psicossocial.....</b>	<b>48</b>
<b>Gráfico 5 - Basquete x Questão Acadêmico Atitudinal.....</b>	<b>50</b>
<b>Gráfico 6 - A não utilização da punição .....</b>	<b>50</b>
<b>Gráfico 7 - Conhecimento sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas .....</b>	<b>51</b>
<b>Gráfico 8 - Metodologia de trabalho .....</b>	<b>53</b>
<b>Gráfico 9 - Papel do profissional diante de conflitos interpessoais das suas equipes.....</b>	<b>54</b>

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questionário aplicado aos profissionais/técnicos .....	41
Quadro 2 - Perfil dos profissionais/técnicos que responderam ao questionário .....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	American Psychological Association
COI	Comitê Olímpico Internacional
DPJ	Desenvolvimento Positivo dos Jovens
E	Entrevista
EF	Educação Física
EUA	Estados Unidos da América
FIBA	Federação Internacional de Basquetebol Amador
GEPPEA	Grupo de estudos extensão e pesquisa, em psicologia e pedagogia do esporte adaptado
JECs	Jogos Esportivos Coletivos
LAMAPPE	Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte
ONU	Organização das Nações Unidas
TGFU	Teaching Games for Understanding
YMCA	Associação Cristã para Moços

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1 História do basquetebol.....	14
1.2 O cenário atual do basquetebol brasileiro .....	15
1.3 Escolhendo o referencial dos JECs .....	17
1.4 Diferentes métodos de ensinar esportes .....	20
1.5 Mas afinal, formamos apenas o atleta, ou desenvolvemos habilidades psicossociais? Se sim, quais delas? .....	21
1.6 As Inteligências Múltiplas como proposta pedagógica esportiva .....	22
<b>2 A IMPORTÂNCIA DO(A) TREINADOR(A) NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ATLETA</b> .....	<b>27</b>
2.1 O papel da mediação dos treinadores esportivos.....	28
2.2 As lideranças possíveis pela figura do treinador esportivo.....	30
2.3. O profissional de EF como facilitador da aprendizagem e treinamento esportivos .....	30
<b>3 A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DO ESPORTE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL</b> .....	<b>33</b>
<b>4 AS HABILIDADES PSICOSSOCIAIS PRESENTES E POSSÍVEIS NO BASQUETEBOL</b> .....	<b>36</b>
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	<b>39</b>
5.1 Objetivos do estudo .....	39
5.1.1 <i>Objetivo geral</i> .....	39
5.1.2 <i>Objetivos específicos</i> .....	39
5.2 Justificativa.....	39
5.3 Hipóteses .....	40
5.4 Tipo de pesquisa .....	40
5.5 Sujeitos participantes .....	40
5.6 Instrumentos.....	41
5.7 Cronograma .....	42
5.8 Análise e coleta de dados.....	43
<b>6 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>45</b>
6.1 Caracterização dos profissionais em atuação.....	45

<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO A – ENTREVISTAS COM OS TÉCNICOS.....</b>	<b>61</b>
<b>ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>82</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Procurou-se neste estudo compreender as possibilidades educacionais do esporte no cenário social brasileiro e os aspectos favoráveis para discussão acerca de princípios e valores, capazes de formar não apenas atletas, mas também cidadãos criativos e autônomos, aptos a solucionar problemas e conviver em comunidade.

O profissional de Educação Física (EF), destacado pela literatura como agente pedagógico no contexto esporte da/na escola, tem que “encantar” – ou, ainda, “inspirar” – os alunos para as práticas esportivas. Esse encantamento atrelado ao papel do profissional se dá através de recursos pedagógicos como o jogo, a motivação e sua atuação (PAES; BALBINO, 2005). Destaca-se também que, dentro das práticas corporais, o Agente Pedagógico, sendo mediador nas intervenções, faz uso do esporte e de suas características educativas e lúdicas para transmitir conhecimentos, comportamentos e valores (VENDITTI JÚNIOR; SOUSA, 2008).

Com o processo de massificação do esporte, que o tornou pluralizado e fascinante (PAES, 1992), cada vez mais crianças e jovens procuram a prática esportiva, seja no ambiente formal (escolas), não-formal (clubes, escolas de esportes) ou informal (ruas, praças públicas). Nesse sentido, se faz necessário estudá-lo em diversos contextos. Há dados que afirmam esse fato, haja vista que existem mais países filiados ao Comitê Olímpico Internacional (COI) do que à Organização das Nações Unidas (ONU) (BALBINO, 2017; ROSE JÚNIOR, 2009).

### 1.1 História do basquetebol

O basquetebol, esporte coletivo utilizado como base do estudo, foi inventado nos Estados Unidos da América (EUA), no início de dezembro de 1891, na Associação Cristã de Moços (YMCA) de Springfield, Massachusetts, pelo professor canadense James Naismith (1861-1940), com o objeto de criar um jogo que ocorresse em um local fechado, devido ao rigoroso inverno norte-americano, segundo Medalha (1989).

No final do século XIX, a modalidade usava como alvo cestos de colher pêsegos, onde a cada arremesso convertido o jogo era paralisado para que o árbitro pudesse retirar a bola. Com sua evolução, o cesto foi substituído por uma cesta fechada, mas equipada com um sistema que, acionado por uma pequena corda, abria-se o fundo. Com o passar do tempo, o alvo na modalidade basquetebol passou a ser

um aro retrátil, com suporte em tabelas de vidro e algumas outras alterações que permanecem até hoje.

A profissionalização (1896) junto à criação da Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA) garantem expressividade à modalidade que por volta de 1926 somava-se 15 milhões de praticantes (SOUZA, 1991).

Com todos os avanços da tecnologia e modificações que o esporte já sofreu até chegar ao que presenciamos atualmente, concluímos que haverá uma busca cada vez maior por uma pedagogia que não apenas leve em conta procedimentos pedagógicos, mas que, sobretudo, seja vista como um processo capaz de lidar com o esporte, respeitando seus diferentes significados e intenções. E assim, tal processo não se limita ao ensino e à aprendizagem esportiva, mas sim ao que chamaremos de ensino-vivência-aprendizagem socioesportiva.

## **1.2 O cenário atual do basquetebol brasileiro**

O Brasil foi um dos primeiros países do mundo a conhecerem o esporte, cinco anos após sua invenção nos EUA. Dois anos após formar-se (1892), o professor americano Augusto F. Shaw recebeu o convite para lecionar no Mackenzie College, na cidade de São Paulo (MEDALHA, 1989). As pesquisas acadêmicas pouco se aprofundam além desses pontos. Essa insuficiência foi admitida até por pesquisadores norte-americanos que relatam a pobreza da contextualização do nascimento do basquetebol em estudos acadêmicos (HORGGER, 2001, p.14)

Medalha (1989) descreve que até a década de 40, o basquetebol brasileiro continuou de forma ainda muito lenta, distante da popularidade e aceitação, pois era tido como um esporte elitista. Na segunda metade do século XX é que o basquetebol se consolidou, assumindo um posicionamento hierárquico das entidades. Após obter o terceiro lugar na Olimpíada de Londres em 1948 e do título do Pan-americano de Indianápolis em 1987, finalmente o basquetebol brasileiro se firma no cenário internacional.

No contexto de formação de treinadores no nosso país, nota-se poucas iniciativas de trabalho conjunto, voltadas à formação a longo prazo. Por este e outros motivos, alguns desafios são encontrados, de modo que seja fortalecido as iniciativas através de meios organizados. A primeira delas é o alinhamento de propostas de trabalho, visto que é necessário a formação contínua, em que os treinadores devem



obter conhecimentos em níveis crescentes de exigência e que sua preparação seja progressiva. O segundo desafio é a mudança da perspectiva de aprendizagem presente já nos programas de formação, pois a cultura tradicional dos modelos de educação centrados no conteúdo e no instrutor ainda é frequente no Brasil, o que implica em um processo muito lento, sendo necessário ultrapassar essa resistência, a fim de favorecer o planejamento e o engajamento no processo formativo (ERICSSON *et al.*, 2007).

Por fim, o terceiro desafio é reconhecer o próprio contexto de trabalho do treinador esportivo com uma estrutura de desenvolvimento profissional com potencial para aprendizagem contínua. Assim sendo, para que os treinadores possam reavaliar seu trabalho e obter um feedback para a elaboração de novas estratégias, além das práticas deliberadas, experts genuínos também pensam deliberadamente (ERICSSON *et al.*, 2007).

Especificamente no Brasil, as pesquisas acerca das fontes de conhecimento dos treinadores possuem contornos específicos, visto que a graduação em EF é uma exigência para atuação profissional na grande maioria das modalidades esportivas (BRASIL, 1998), o que não acontece em muitos dos países com pesquisas consolidadas sobre esse assunto (Canadá, Inglaterra, Estados Unidos), nos quais a formação superior em EF e Ciências do Esporte é uma possibilidade e não uma exigência quando se trata em atuar como treinador.

O entrevistado nº 7 traz justamente esse fato em seu relato, dado que no ano de 2016 trabalhou como técnico da modalidade na Austrália. Por ser formado, ele foi muito valorizado no país, justamente por não ser uma exigência para aquela realidade. Posteriormente, interoguei-o sobre a diferença de realidade das categorias de base do Brasil e de lá. A realidade do Brasil consiste em uma superproteção dos pais em seus filhos, que culmina em insegurança e falta de autonomia no jogo e na solução de problemas, o que se difere da realidade vivenciada pelo entrevistado, em que desde as categorias iniciais as turmas eram extensas, de ambos os sexos, com exercícios e dinâmicas que tornavam todos capazes de realizar as atividades. Com isso, quando eles se tornassem jovens e mais independentes, já teriam uma maturidade em relação à prática.

Essa temática também se mostra presente em outra passagem da literatura, em estudo com quatro treinadores brasileiros de basquetebol vinculados à formação esportiva. Ramos *et al.* (2011) identificaram que a aprendizagem experiencial tem um

papel destacado no processo de aprendizagem profissional do treinador, com enfoque para a observação de treinadores experientes e a prática reflexiva (reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão retrospectiva sobre a ação).

O ponto principal desse estudo, após coletar e analisar os dados, foi justamente comprovar o que a literatura traz na teoria e ver que isso se comprova na prática. Pode-se observar que a aprendizagem visando o contexto da educação formal tem um impacto um tanto quanto limitado sobre a prática do treinador. Todavia, o ponto crucial da pesquisa foi a comprovação, após análise de dados, que a aprendizagem experiencial é a fonte primária para obtenção de conhecimento (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; GILBERT; TRUDEL, 2001). Todos os onze entrevistados responderam afirmativamente a primeira questão da entrevista, dizendo que suas experiências como atletas influenciam na direção de uma equipe, em questão de leitura de jogo, percepção de situações de partida, mas que deve ser complementada com a teoria, pois o basquete sempre se atualiza.

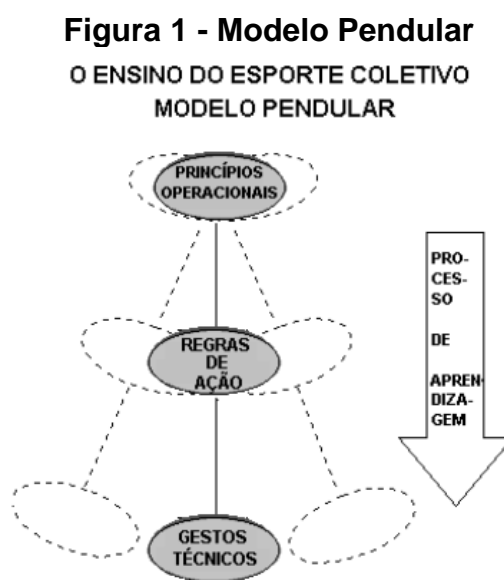
### **1.3 Escolhendo o referencial dos Jogos Esportivos Coletivos**

Segundo Bayer (1994), as modalidades esportivas coletivas podem ser agrupadas em uma única categoria pelo fato de todas possuírem seis invariantes: uma bola, um espaço de jogo, parceiros com os quais se joga, adversários, um alvo a atacar (e um alvo a defender) e regras específicas. Estes pontos dão origem à categoria Esporte Coletivo, ou Jogo Esportivo Coletivo, e permitem visualizar uma mesma estrutura de jogo. Por possuírem estruturas em comum, é possível considerá-las dentro de uma mesma lógica, tornando-as passíveis de um mesmo tratamento pedagógico para seu ensino.

Desta forma, autor ainda acrescenta que devido aos desportos coletivos apresentam em sua estrutura uma semelhança sabe-se que seus elementos podem ser transferidos para a aprendizagem de qualquer outra modalidade (BAYER, 1994). Tal semelhança foi denominada de “princípios operacionais” e o processo de transferência dos elementos de “*transfert*” – elementos estes que oferecem a apropriação da lógica e da utilização dos elementos e variáveis comuns e específicas de cada tipo de jogo desportivo, permitindo, então, a transferibilidade desses elementos para cada modalidade esportiva e suas respectivas aplicabilidades. Dentro do processo de estruturação dos Jogos Esportivos Coletivos (JECs) transcorre o

entendimento de que o treinador deverá organizar conteúdos de modo que visualize em primeiro plano a formação positiva dos jovens sem perder de vista os resultados competitivos.

Para ilustrar a análise que confere o ensino dos JECs, Daolio (2002), baseado nas ideias de Claude Bayer, criou o Modelo Pendular (figura 1), uma estrutura que apresenta visualmente o processo de ensino e as etapas necessárias nos princípios operacionais, nas regras de ação e nos gestos técnicos. O objetivo desse modelo é mostrar que, como um pêndulo, os princípios operacionais, na sua base, realizam um movimento menor do que na sua extremidade, onde se localizam os gestos técnicos.



Fonte: DAOLIO (2002).

Dentro dos JECs está atrelado o desenvolvimento positivo dos jovens (DPJ), quando se faz necessário, por parte dos treinadores, respeitar as particularidades com quem se está trabalhando e ensinando, realizando, assim, uma intervenção saudável, inclusiva e sustentável, com o objetivo de adesão por parte dos alunos que devem se sentir motivados pela prática, e não incapacitados de realizar as atividades. Sendo assim, o aspecto motivacional do professor de Educação Física e dos participantes ou atletas também deve ser constantemente observado (VENDITTI JÚNIOR, 2014; WEINBERGGOULD, 2008).

Visto isso, é necessário utilizar dos vários elementos constitutivos dos JECs – fundamentos, princípios, características, regras, estratégias e as táticas do jogo, por exemplo, – dentro dos seus níveis de exigência, adequando as habilidades e

capacidades físicas, motoras, cognitivas e sociais dos envolvidos (GALATTI *et al.*, 2017).

De acordo com a perspectiva do DPJ, o ambiente esportivo pode conter quatro domínios de comportamentos, que são reconhecidos como 4Cs: “Competência”, “Confiança”, “Conexão” e “Caráter”. A primeira delas, “Competência”, seriam ações que levariam à boa conduta no ambiente social e acadêmico. A segunda, “Confiança”, se remete ao resultado da capacidade deles no processo de autoavaliação, numa visão intrapessoal acerca da sua resiliência. A terceira, “Conexão”, diferente da anterior, seria uma relação interpessoal, isto é, o vínculo com outras pessoas e a capacidade de se comunicar. Já a última, que consiste no “Caráter”, pode ser entendida como honestidade e integridade ou outros valores que surgem da conduta frente às regras de natureza ética e moral (LERNER *et al.*, 2005).

Visando o ensino dos esportes coletivos, que é compreendido como um sistema complexo, por propiciar não só a interação social, mas também apresentar um cenário dinâmico específico (GARGANTA; CUNHA; SILVA, 2000), é disposto na literatura enquanto metodologias de ensino que buscam alcançar determinados objetivos, como a melhora da técnica na sua respectiva modalidade esportiva, como os métodos de ensino tradicionais (parcial, global e misto); métodos de ensino contemporâneos (iniciação esportiva universal, que consiste em oportunizar de forma consciente e direcionada, por meio de jogos organizados, sistematizados e planejados, “como ensinar o esporte”, “ensinar por meio do esporte”, de forma a ensinar mais que o esporte); os JECs; o método situacional, que privilegia a prática em situações que o requer capacidades técnico-táticas simultaneamente, proporcionando aos alunos situações problemas que apresentam as principais características do jogo, sem restringir o desenvolvimento dos processos cognitivos de percepção, antecipação e tomada de decisão (GRECO, 1998) e, por fim, o *Teaching Games for Understanding* (TGUFU), formulada por Bunker, Thorpe e Almond (1986) destacando o valor do jogo e do ensino do esporte seguindo por base o próprio jogo, podendo ter espaço e tempo reduzido, mudança na quantidade de jogadores, adaptação dos equipamentos, enfim, apresentando regras adaptadas em relação ao jogo formal, fazendo com que o aluno compreenda a lógica, direcionando o foco para que ele compreenda a tática antes mesmo de se preocupar com a aprendizagem dos gestos técnicos.

#### 1.4 Diferentes métodos de ensinar esportes

O método parcial é um sistema de ensino em “partes”, priorizando repetições de exercícios voltados para aprendizagem de técnicas esportivas. Para Weineck (1999), o método de ensino parcial é utilizado na execução de movimentos complexos, por isso a necessidade de se desmembrar em partes, que serão articuladas quando forem dominadas. Segundo Light (2007), aulas de iniciação esportiva que priorizam o ensino de habilidades técnicas, estruturadas a partir da repetição de gestos, geram pouco interesse nos alunos. Para o autor, isso resultará na redução das possibilidades educacionais e da complexidade do contexto que a iniciação esportiva envolve.

Como todos os outros métodos que serão tratados adiante, ele possui vantagens e desvantagens. As vantagens consistem na aprendizagem bem detalhada dos fundamentos técnicos, com uma correção de deficiências técnicas mais precisas, o que pode se fazer presente em um treinamento individualizado que sirva para superar certas deficiências técnicas do aluno. Visto isso, ela pode se tornar desmotivante por conta da repetição e da monotonia, limitando a criatividade. Segundo Gama Filho (2001), uma desvantagem desse método é que não ocorrem os processos de tomada de decisão, pois o aluno acaba possuindo um conhecimento antecipado do movimento a ser realizado, além do fato de que os exercícios repetitivos deixam de estimular a motivação dos participantes; por outro lado, o mecanismo de execução é altamente evidenciado, possibilitando o domínio do movimento.

Já o método global é aquele que parte do todo para o específico, do jogo em si para a técnica, ou seja, o aluno aprende jogando, vivenciando situações reais de jogo. O treinador deverá sempre estar observando e dando feedbacks para que seja aprimorada a aprendizagem. Essa dinamicidade é motivante, podendo aliar técnica e tática, aumentando o repertório por ampliar a área criativa, porém, dificulta o trabalho de objetivos técnicos específicos. Segundo Greco (2001), preconiza o conceito recreativo do jogo esportivo, em que estão contempladas uma metodologia mista, caracterizada pelas diversas experiências de jogo, e a aprendizagem da técnica. O processo didático da série de jogos apresenta-se, inicialmente, como sequência metodológica, o jogo de forma completa, incluindo os elementos técnicos e táticos. Segundo Silva (1998), uma das vantagens dessa abordagem é justamente pela aprendizagem ser facilitada quando o aluno quiser aprender outra modalidade, devido ao fato de possuir estruturas semelhantes que poderiam favorecer a assimilação por

princípios comuns e a prática transferível. Nesse sentido, o autor destaca duas competências básicas para a aprendizagem do Esporte Coletivo: a inteligência, concebida como uma capacidade de adaptar-se a situações dinâmicas do jogo; e a cooperação, vista como a necessidade de o praticante combinar suas ações com os objetivos do grupo. Com isso, jogar bem não significaria apenas na execução de forma eficiente, mas também em uma contribuição de forma cooperativa e inteligente para o sucesso do empreendimento coletivo.

Por fim, no misto o treinador irá mesclar os dois métodos citados acima. O ponto principal de se observar nesse método é eliminar a principal desvantagem do parcial e do global, o que proporciona aos alunos uma aprendizagem específica e global dos esportes.

As metodologias trazidas têm como finalidade criar situações particulares e necessárias para o jogo com a devida complexidade, para que posteriormente seja obtido o êxito em uma situação real de jogo.

Conforme exposto, observa-se o quão complexo é esse cenário. Logo, vê-se que o ambiente deve proporcionar oportunidades diversificadas para a prática, de modo com que estimule o desenvolvimento de competências essenciais e que potencialize habilidades específicas, que são necessárias para se chegar na modalidade propriamente dita. De acordo com Garganta, Cunha e Silva (2000), além da interação social que lhe é proporcionado, ainda é apresentado um cenário dinâmico específico e de natureza tático-técnica, o jogo.

Uma boa proposta para isso é aquela em que a criança se depara com situações em que precisa ponderar e tomar decisões e, diante das dificuldades, ter autonomia e motivação para superá-las, garantindo as estruturas necessárias para dar continuidade a essas atividades.

### **1.5 Mas afinal, formamos apenas o atleta, ou desenvolvemos habilidades psicossociais? Se sim, quais delas?**

Na busca pela promoção do desenvolvimento integral dos alunos, os profissionais de EF devem explorar o jogo, que proporciona experiências particulares, interações e trocas infinitas, oferecendo uma multiplicidade de ações desafiadoras, que aumentem seu repertório motor e que motivem diferentes respostas, estimulando a criatividade junto a criticidade, aliado à necessidade de ter atitudes e

comportamentos inteligentes, referenciados, não somente na habilidade de movimentos, mas também pela interação de outros elementos que compõem um sistema constituído no fenômeno do esporte, estimulando e resultando em uma constante evolução ao longo do tempo.

Devido à imprevisibilidade, característica principal do basquetebol, as ações pedagógicas do educador devem transmitir padrões para a compreensão das situações advindas do jogo. É necessário dar importância à complexidade dessas interações que envolvem cada situação do jogo em si, pelos desafios presentes e, também, as resoluções das diferentes situações nas manifestações, validando, do mesmo modo, os estímulos das Inteligências Múltiplas (BALBINO, 2001).

Englobando os contextos que contemplam a essência dos JECs, de forma múltipla e diversificada, Silva (1998, p. 12) ressalta a inteligência como um de seus traços fundamentais, a qual pode ser “[...] entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo”.

## **1.6 As Inteligências Múltiplas como proposta pedagógica esportiva**

Segundo Balbino (2001), ainda tratando sobre as possibilidades de contribuições dos JECs, várias modalidades permitem a quem as praticam, acima de tudo, o desenvolvimento do espírito esportivo, a disciplina formada e gerada a partir da aceitação das regras impostas, a criatividade para elaborar e analisar certas ações e desenvolver estratégias e raciocínio para solucionar problemas durante o jogo. Com isso, comprova-se o quanto o atleta/aluno deve ser inteligente. Nesse sentido, a literatura traz sobre o “ser inteligente” algo diretamente ligado ao contexto cultural, e não algo inato e estável (GARDNER, 1995)

Howard Gardner (1995), professor de Neurologia na Escola de Medicina da Boston University e de Cognição e Psicologia em Harvard, pesquisador de renome internacional e de maior destaque nos estudos desse tema, destaca que há uma certa flexibilidade dos potenciais humanos, em que a pessoa pode alterar seu potencial por meio de intervenções relacionadas ao ambiente que está inserido. Para Gardner, é um equívoco pensar que a inteligência humana é algo físico, mas sim, um potencial que os indivíduos trazem consigo em relação às inclinações que mostram para certas

coisas, porém, sempre relacionado ao contexto cultural inserido. Gardner, Chen e Moran ainda destacam que:

[...] não há dois seres humanos – nem mesmo gêmeos idênticos – que possuam o mesmo perfil em suas qualidades e suas limitações em termos de inteligência, pois a maioria de nós é diferente dos de nossa espécie, e mesmo os gêmeos idênticos passam por diferentes experiências e são motivados a se diferenciar um do outro. (GARDNER; CHEN; MORAN, 2010, p. 19).

Essa expressão pode se relacionar no contexto esportivo quando se refere ao fato de muitos atletas/alunos se saírem bem em determinadas tarefas, enquanto outros não. Porém, ainda assim é possível que todos manifestem comportamentos inteligentes. Assim, é imprescindível que o treinador leve em consideração as diferenças mentais dos estudantes, uma vez que existem diferentes caminhos para se chegar ao objetivo final e, com isso, o acesso à compreensão também possa ser variado.

Howard Gardner, criador da Teoria das Inteligências Múltiplas, teve grande influência de Jerome Bruner, psicólogo cognitivo e educacional, interligando em seu trabalho as questões culturais com aspectos da aprendizagem e da formação da mente (GARDNER, 2006).

Todos os seus estudos apontaram para a multiplicidade de capacidades e a certeza de que o desempenho de um indivíduo não se mostra o mesmo em diferentes áreas. Mesmo iniciando a construção da sua teoria em meados de 1970, ele só se consolidou realmente no início da década de 1980, quando liderava o projeto sobre potencial humano, no qual lançou sua teoria propriamente dita (BALBINO, 2015).

Gardner (1995) traz em sua teoria a existência de oito inteligências, conforme vê-se na figura 1 abaixo, que tratariam dos domínios de resoluções dos possíveis problemas inerentes às pessoas, configuradas dentro dos critérios pré-estabelecidos. São elas: a inteligência cinestésico corporal, a inteligência verbal, linguística, a inteligência lógico-matemática, a inteligência musical, a inteligência espacial, a inteligência naturalista, a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal.



**Figura 2 - Representação esquemática das Inteligências Múltiplas**



Fonte: GUIMARÃES (2009).

A seguir, breves definições na teoria e no contexto prático esportivo.

A representação cinestésica corporal é a habilidade e a facilidade no uso do corpo para expressar ideias e sentimentos. No basquete é aquele que apresenta uma grande facilidade na execução de fundamentos e manejo de bola, habilidade em exercícios que envolvam técnica, que é sensível à integração corpo e mente.

Já a musical é a capacidade para perceber, discriminar, transformar e expressar formas musicais ou rítmicas. No basquete é a facilidade em aplicar diferentes intensidades de movimento, ritmo de jogo, utilizar da mudança de velocidade como forma de atacar o adversário.

A verbal-linguística é a capacidade de usar as palavras de uma forma efetiva, enquanto no basquete consiste em nomear ações como forma de estratégia de jogo, codificar e saber realizar o que o técnico pediu, clareza no comando para a equipe e saber o momento adequado para que tenha uma melhor compreensão.

A Naturalista trata-se da habilidade no reconhecimento e entendimento do mundo vivo/real, enquanto no basquete consiste em reconhecer e atuar com o desenvolvimento e crescimento corporal, observar o ambiente com interesse e criticidade.

A espacial é a capacidade de perceber com precisão o mundo visual, espacial, e definir padrões. Envolve a sensibilidade à cor, linha, forma e espaço. No campo do basquete é a facilidade em imaginar, identificar espaços para deslocamento em uma jogada; lembrar de uma jogada passada em treinos anteriores; figuras que o técnico venha a demonstrar na prancheta; e capaz também de não só entender o que foi passado, mas saber demonstrar, em forma de esquema.

A intrapessoal é o autoconhecimento e capacidade de agir de maneira adaptada com base nesse conhecimento. Já no basquete é a aprendizagem, entender os significados de competição e sua essência, e os limites de superação, consciência e controle das emoções presentes durante o jogo.

Já a representação lógico-matemática é a capacidade de usar números de forma efetiva e raciocínio lógico, enquanto no basquete são as estratégias de jogo tanto ofensiva quando defensiva, situações de superioridade numérica; compreensão da contagem diversificada referente às finalizações, como por exemplo, em um momento decisivo saber o que é melhor (cesta de 3 pontos, ou sofrer falta e ir para o lance livre).

Por fim, a interpessoal nada mais é do que a capacidade de perceber e distinguir humor, intenções, motivações e sentimentos de outras pessoas. No jogo de basquete é ter espírito de liderança, resolver problemas enquanto equipe, mediar conflitos.

Diante de muitas observações no campo da neuropsicologia, Gardner (2000) chegou à conclusão de que as pessoas têm um leque de capacidades. Notou que algumas pessoas tinham grande capacidade em uma área de atuação, mas não exibiam a mesma capacidade em algumas outras áreas. Da mesma forma, a deficiência para o aprendizado em alguma habilidade não significava que essa pessoa tivesse sucesso ou fracasso na maioria de outras atividades cognitivas.

Esse conceito aplicado ao fenômeno esporte mostra que a Pedagogia do Esporte, vinculada ao processo da iniciação esportiva no contexto de formação psicossocial de jovens, é muito importante quando se trata de ampliar o leque de oportunidades dos alunos, motivando-os com o objetivo de torná-los capazes da prática, seja ela qual for.

Destaco a importância desse tema não só com o conhecimento profissional, integrante do grupo de estudos Grupo de estudos extensão e pesquisa (GEPPEA), em Psicologia e Pedagogia do Esporte Adaptado, e do Laboratório de Atividade Motora Adaptada, Psicologia Aplicada e Pedagogia do Esporte (LAMAPPE), como também pela experiência vivida na prática. Atleta de Basquetebol desde 2007, atuei pela Associação Atlética Caldense – Poços de Caldas (MG), clube da minha cidade, até 2014, disputando torneios regionais e estaduais. E por lá, as duas maiores conquistas como atleta, onde fui convocada para a seleção mineira de basquetebol nos anos de 2012, sendo campeãs do torneio pela 2ª divisão, e 2013, terminando em

5ª colocação da 1ª divisão. De 2016 a 2019, durante meu período de graduação da Unesp, fui atleta e técnica das turmas de iniciação. E como oportunidade profissional, de 2018 a 2019 tive a honra de integrar a comissão técnica do projeto Suzete-Basquete, realizado na escola Criarte, na cidade de Bauru- SP, que deu início em 1998 pela jogadora Suzete Gobbi e comandada por ela até hoje.

## 2 A IMPORTÂNCIA DO(A) TREINADOR(A) NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO ATLETA

Em um congresso de treinadores em desenvolvimento de Basquetebol que participei no ano de 2020, em Poços de Caldas/MG, José Neto – atual técnico da Seleção Adulta Feminina –, disse uma frase muito importante e oportuna, em resposta a um ouvinte da palestra, sobre o cenário atual do basquete feminino ser ainda tão desvalorizado e pouco divulgado. Ele rebateu dizendo que mesmo com o aumento do número de projetos sociais no país, projetos de iniciação esportiva, escolinhas de basquete e uma repercussão um pouco maior do time adulto da seleção, ainda não existem projetos políticos pedagógicos no Brasil que direcionem o processo de ensino e aprendizagem, com exceção a grandes centros, e tampouco uma organização própria, onde seriam estabelecidas e transmitidas regras e padrões de jogo, de categorias para categorias. Esse fato dá origem a um quadro limitado de treinadores, quanto ao conhecimento baseado na Pedagogia do Esporte, especificamente pelas metodologias dos JECs.

Ainda falando do contexto nacional, a formação de treinadores esportivos ocorre apenas no ambiente universitário, por meio do Curso de Graduação em Educação Física. Porém, alguns desafios são encontrados em relação às características do cenário esportivo brasileiro como, por exemplo, a ausência de diretrizes nacionais que orientem o esporte destinado a jovens, o que acarreta em processos independentes de formação de atletas, realizados, sobretudo, em escolinhas e clubes distribuídos por todo o país. Além disso, federações esportivas brasileiras direcionam as competições em formato adulto desde muito cedo, o que acaba reforçando o significado apenas competitivo da iniciação esportiva (MILISTETD *et al.*, 2014), com o objetivo de revelar os melhores em cada faixa etária, o que é denominado de especialização precoce, em ordem física, psíquica e social (BERGERON *et al.*, 2015), fazendo com que o esporte seja facilmente substituído por priorizar a competição no lugar do incentivo à iniciação esportiva, evidenciando o processo de ensino-aprendizagem.

Smith & Smoll (1984) pontuam que além dos treinadores serem essenciais no processo de desenvolvimento das competências motoras, podem também ser influências para os jovens, estendendo para outras áreas de intervenção. Sendo assim, antes de qualquer coisa, o treinador deve ser um professor. Neste contexto,

Gallahue (1996) trata da responsabilidade do treinador em auxiliar os alunos a melhorar a aptidão física, adquirir habilidades motoras e aumentar os aprendizados cognitivos e afetivos, sendo fundamental na criação de uma atmosfera positiva no processo do ensino-aprendizagem.

Visto isso, observa-se que é compromisso do treinador reconhecer que, para as crianças, ele não é apenas um mero treinador, mas sim, uma das pessoas com quem as crianças mais se identificam e partilham um tempo importante das suas vidas (MARQUES, 2006). Sob esta visão, faz-se fundamental uma proposta que considere a diversidade, a inclusão, a cooperação e autonomia (PAES; BALBINO, 2005a).

Um estudo que exemplifica muito bem foi realizado por Tharp & Gallimore (1976), em que trata sobre os comportamentos do treinador em situações de treino e demonstra com clareza o papel pedagógico assumido pelo treinador John Wooden, conhecido como um dos maiores treinadores de todos os tempos, ao alcançar dez títulos de basquetebol no decorrer de doze anos. Os autores observaram 15 sessões e seus resultados forneceram interessantes implicações para o entendimento do papel do treinador como um professor. Tharp & Gallimore (1976) notaram que, diferentemente de outros treinadores bem-sucedidos, os quais se focavam em funções tais como facilitadores de grupo, gestores emocionais, ou mesmo administradores, Wooden aproveitava praticamente todas as situações para ensinar. Além disso, verificaram que 75% dos atos de ensino de Wooden carregavam alguma informação pedagógica e, como tal, o treinador é responsável por ensinar o atleta acerca do que fazer, como fazer e o porquê de fazer (HODGES, FRANKS, 2002).

## **2.1 O papel da mediação dos treinadores esportivos**

Para Freire (1994, p. 114), as atividades propostas pelo treinador devem ser compatíveis com o seu grau de desenvolvimento. Uma proposta pedagógica não pode estar nem aquém, nem além do nível de desenvolvimento da criança e, com isso, priorizar o aprimoramento do repertório motor, o que geralmente ocorre na faixa etária dos sete aos dez anos de idade (GALLAHUE; OZMUN, 2003; GALLARDO, 2000). As consequências e os principais empecilhos dessa prática de ensino quando mal estruturada podem ser detectadas em estudos quanto à evasão e desistência da prática do esporte, bem como em relatos sobre a competição e especialização precoce (PAES, 1992; 1996; 2002).

Para que se consiga o êxito e que os empecilhos de uma má estruturação de ensino sejam evitados, algumas áreas funcionais juntamente ao bom papel do treinador são requeridas.

Deverá ser definida uma visão clara do que será feito e uma elaboração de algumas estratégias, em que o treinador precisa entender e conhecer por completo o contexto a ser trabalhado, de modo que facilite a troca de conhecimentos treinador/atleta, e a condução de uma análise das necessidades para se obter uma clareza do programa de intervenção. O desenvolvimento de um plano de ações possibilitará a moldação do ambiente, criando planos operacionais sólidos, a fim de criar um local seguro e eficaz, maximizando a aprendizagem e aperfeiçoamento.

Para a organização dos conteúdos, o treinador deve utilizar-se de procedimentos pedagógicos coerentes e condizentes com as expectativas dos praticantes. Diante disso, Paes (2002) sinaliza que o esporte deve ser tratado sob dois referenciais: o Técnico-Tático e o Socioeducativo. Além destes, Machado (2012) apresenta um terceiro referencial em seu estudo, o Histórico Cultural.

O Referencial Técnico-Tático trata da lógica técnica e a tática das modalidades esportivas. Já o Referencial Socioeducativo aborda sobre importância de se criar um ambiente agradável, para que se compreendam valores e modos de comportamento, questões atitudinais e valores agregados às práticas corporais. E, por último, o Referencial Histórico-cultural, em que Machado (2012) aponta que é necessário que os participantes tenham o conhecimento de elementos históricos e culturais do esporte.

Dentro do papel do mediador juntamente com os objetivos e características principais dos Jogos Esportivos Coletivos, alguns procedimentos pedagógicos são citados na literatura por Ferreira (2004) como facilitadores do processo de ensino-aprendizagem das várias modalidades esportivas.

O primeiro se baseia na importância que o treinador tem no ato de proporcionar ao aluno momentos que serão convertidos posteriormente em experiências de diálogo e reflexão. Essa autonomia que será estimulada, será benéfica não só ao jogo em si, mas servirá de aprendizado para a vida.

Outro ponto crucial consiste na preocupação que tem o mesmo em sistematizar e organizar o meio esportivo em que é feita a intervenção, logo, é necessário um meio propício para que boas relações interpessoais aconteçam. Valores que o esporte pode agregar como o respeito, trabalho em equipe e companheirismo, solidariedade,

cooperação, o saber ganhar e perder, serão trabalhados nas intervenções feitas pelo profissional para esse fim. E, neste contexto, o erro, onde só assim será estimulado a solução para os problemas que surgem e, para isso, o “jogo” entra como uma saída e como um facilitador para situações não formais, fazendo com que os participantes vivenciem e experimentem inúmeras possibilidades socioafetivas individuais e em grupo, que servirão de lições para as suas vidas.

## **2.2 As lideranças possíveis pela figura do treinador esportivo**

O papel de liderança e influenciador fará com que haja uma construção de relacionamentos, nutrindo e mantendo conexões saudáveis com os envolvidos. A observação e o fornecimento de feedbacks, a fim de medir o progresso, alavancando uma evolução como um todo, seria na leitura do campo de ação e na busca de respostas a ele. E, tratando do treinador como educador e agente pedagógico, um ser criativo e também motivador, que deve nesse momento trazer o que aprendeu na teoria, para que, então, seja aplicado na sua realidade, o aprender e refletir são fatores característicos imprescindíveis no programa.

Partindo do pressuposto que o esporte em si depende da transformação que a sociedade impõe e não leva em consideração apenas o significado dele propriamente dito, inicia-se uma discussão muito necessária e importante acerca da Pedagogia do Esporte e suas abordagens. É preciso e possível através dela, proporcionar um tratamento pedagógico integrado ao desenvolvimento infantil, de modo a contribuir para o aprendizado dos alunos na área esportiva junto a vida em sociedade, melhorando nossa atuação profissional, uma vez que podemos refletir e repensar a nossa prática docente, visto que atuamos como agentes pedagógicos. No contexto do processo ensino-aprendizagem, esse desenvolvimento integral é facilitado através da vivência de práticas com um processo especializado, por um fenômeno pedagógico evidenciado por múltiplas competências, dando ao aluno a oportunidade de se envolver em experiências organizadas.

## **2.3. O profissional de EF como facilitador da aprendizagem e treinamento esportivos**

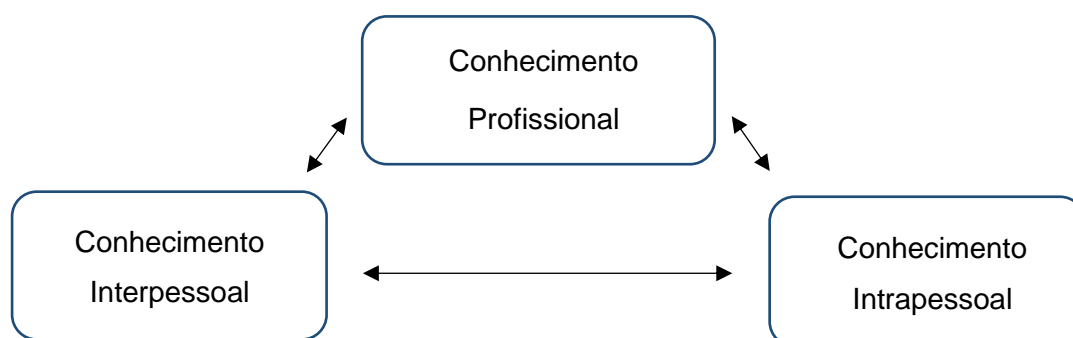
Cabe ao profissional de EF a função de elaborar uma diversificação de conteúdos e a estruturação de uma pedagogia do esporte que atenda aos interesses e necessidades do aluno, sempre buscando uma metodologia prazerosa e motivante, a fim de gostar e se interessar pelo esporte, de forma plena e contagiante, integrada ao processo de ensino-aprendizagem, dentro das diversas possibilidades e contextos.

Freire (1994) traz na literatura conceitos que exemplificam a essência do assunto tratado, sobre “Ensinar esporte a todos; ensinar bem esporte a todos; ensinar mais que Esporte a todos; e ensinar a gostar do Esporte”.

O profissional com preocupações pedagógicas que trabalha na iniciação esportiva tem como objetivo transmitir conhecimentos na área de esportes para seus alunos, além de educá-los para a vida em sociedade e, assim, tornarem-se cidadãos críticos e conscientes de seu tempo e espaço social (FREIRE, 1994). Esses conhecimentos devem abranger as habilidades físicas, cognitivas e emocionais que possibilitem a prática, o entendimento, a discussão e a apreciação dos esportes em qualquer ambiente.

Assim, a ideia que se conhece por “desenvolvimento de competências funcionais”, que deve ser compreendida anteriormente à atuação com os jovens para chegar a uma orientação de suas decisões e ações, Côté e Gilbert (2009) propõem um modelo organizado em três conhecimentos, os quais, quando integrados, se tornam necessários para o treinador intervir na sua área (Figura 2).

**Figura 3 - Modelo organizado dos 3 conhecimentos sobre competências funcionais**



Fonte: CÔTÉ; GILBERT (2009), adaptado pela autora (2022).

As três categorias citadas acima constituem as bases fundamentais de conhecimento que os treinadores precisam adquirir e especializar para que possam desempenhar seu papel de modo efetivo e eficaz em sua intervenção.



O conhecimento profissional, conteúdo tradicional em cursos de graduação no contexto do esporte, se baseia nas regras e atualizações, na constante renovação de métodos de ensino, liderança, técnica e tática. Por parte dos atletas, seria suas capacidades de crescimento desenvolvimento, e motivação.

O conhecimento interpessoal está diretamente relacionado ao contexto social, que seria a relação do bem-estar e ética, ou seja, treinadores sendo companheiros e acolhedores, bem como pais/familiares que apoiam a prática e o desenvolvimento dos filhos. Na visão de relacionamentos, entram a comunicação, empatia e simpatia. Já no âmbito da intervenção profissional, não menos importante, fala-se da criação de um ambiente e clima positivo, fornecimento de feedbacks, demonstração e explicações claras.

E, por fim, o conhecimento intrapessoal, uma das áreas mais importantes, já que se trata de um conhecimento de si mesmo, o qual resume-se por uma profunda capacidade de introspecção e reflexão que, quando bem resolvida, facilita a transmissão de conhecimento para seus atletas. Dentro da filosofia da intervenção profissional, engloba a identidade, crenças e valores, formas de liderança. Já na aprendizagem ao longo da vida, a autonomia e responsabilidade são evidenciadas, juntamente ao processo de autorreflexão, e pensamento crítico.

Portanto, não se deve limitar a Educação Física ao lazer, mas, pela criticidade requerida, que transcende os limites da prática, possibilitados por meio de seus recursos, nos quais Freire e Scaglia (2003, p. 31) destacam o “[...] privilégio de poder contar com os jogos, como simulações da vida social”. Quando a criança joga, todo seu esquema motor é acionado, sua socialização é solicitada e o esquema cognitivo é estimulado. Através do jogo elas se unem procurando se entender, estimulando, assim, o respeito pelo outro e pelo adversário com quem se joga. Segundo Huizinga (1999), é no jogo e pelo jogo que a civilização se desenvolve, pois ele é o fato mais antigo da cultura, e tudo que o ser humano faz e vive o envolve, nas mais variadas formas e contextos.

### 3 A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DO ESPORTE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL

Neste capítulo serão revisados alguns trabalhos que enfatizam o papel que a EF desempenha na superação das desigualdades sociais, na inclusão e no ensinamento de valores, gerando propostas transformadoras, sempre pautadas por um interesse emancipatório.

Sabe-se que um dos elementos mais importantes para o engajamento e adesão da prática esportiva é a participação do treinador na estruturação de ambientes facilitadores para a qualidade das relações interpessoais (LIMA, 2018; MACDONALD, CÔTÉ, DEAKIN, 2010; REVERDITO, GALATTI, STRACHAN, SCAGLIA, PAES, 2020b), afim de mobilizar aspectos importantes do processo de desenvolvimento dos atletas. (CAMIRÉ, RATHWELL, TURGEON, KENDELLEN, 2019; GOULD, CARSON, 2010; SANTOS, CAMIRÉ, CAMPOS, 2018).

Não só a passagem do profissional de Educação Física é importante na vida dos jovens, como a própria ciência nos mostra quanto a valorização e a promoção de treinos pautados no desenvolvimento positivo dos jovens. (HOLT *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2018), tem sido além de reconhecido, facilitado para a transferência de habilidades ao longo de suas vidas. No ambiente da prática esportiva os treinadores têm o poder de influenciar a natureza e a qualidade das experiências esportivas, o que reforça a missão de educar, estimular e criar oportunidades para o crescimento e desenvolvimento pessoal dos atletas. (CÔTÉ, STRACHAN, FRASER-THOMAS, 2008; NAYLOR, 2006; SANTOS, GOULD, STRACHAN, 2019). Destarte, pode ser citado como admirável o exemplo relatado pelo entrevistado nº 2, em uma de suas experiências como treinador, em que compreendeu a importância da influência do técnico na vida do atleta, conforme mencionado a seguir:

Houve até um episódio que foi de grande importância na minha vida como técnico, até mesmo na minha vida pessoal, fazia parte do Clube Bauru Basket, quando, durante um amistoso, observei um garoto que se destacava fortemente no jogo, e convidei ele para jogar pelo time. Quando começou a jogar pelo Bauru, notei que seu rendimento havia caído muito, e fui conversar com ele, para verificar o que estava acontecendo, então ele me disse de maneira triste que estava sendo “zoadado”, ridicularizado pelos demais colegas do time, pois era do interior e falava muito diferente, forma a qual os colegas julgavam ser errada, “caipira”, então escutei ele e o aconselhei a ler mais e também conversei com os demais colegas. Comecei a notar que, após isso ele estava sempre lendo e estudando, nas viagens, dentro do ônibus. Passado isso, anos mais tarde recebi uma ligação dele para me contar que

havia passado em medicina e que o incentivo e apoio que dei a ele teria ajudado muito e que nunca esqueceu do meu conselho (E-2, n.p.).

Por fim, soube da grande influência e capacidade que um treinador/professor tem na vida e nos ensinamentos repassados aos alunos/atletas.

É possível reconhecer na literatura um pouco mais do entendimento sobre a importância da qualidade da relação treinador-atleta para uma experiência positiva dos jovens no esporte levando ao desenvolvimento saudável de habilidades para a vida em sociedade. Estão associados dentre as temáticas principais atreladas à qualidade das relações interpessoais entre treinador e seus atletas, a coesão de grupo (JOWETT, CHAUNDY, 2004; RODRIGUES, EVANS, GALATTI, 2019), melhorias nas habilidades físicas e psicossociais (JOWETT, 2005), a superação diante de momentos críticos (JOWETT, 2009), eficácia coletiva (HAMPSON, JOWETT, 2014), qualidade do treino (REVERDITO *et al.*, 2020b), satisfação dos atletas e estratégias de comunicação (DAVIS, JOWETT, TAFVELIN, 2019) e a inteligência emocional (BENITO, FRANCISCO, TRIGUEROS, 2018). Essas dimensões, aspectos afetivos-cognitivos-comportamentais, quando interligadas, é que definem a qualidade da relação treinador-atleta e descrevem o constructo psicológico de caráter interpessoal de uma relação. No entanto, é devidamente valioso evitar o conflito interpessoal e demais divergências, mantendo o ambiente harmonioso e comunicativo para maior desempenho do time, como relatam ainda, vários dos técnicos entrevistados para a formação da pesquisa, mencionados a seguir:

Geralmente ele não discute com os atletas, mas em situações de dois atletas desentenderem entre si, ele direciona para fora, retira do treinamento, para reflexão sobre o acontecido. Discorda de quem acredita que técnico não pode ser amigo do atleta, ou ter alguma relação mais próxima, ele acredita que essa relação técnico/atleta deve sim existir, ser confidentes, ainda mais em categoria de base, onde os pais não dão tão suporte afetivo (E-2, p. 58).

No profissional havia duas atletas que estabeleciam uma relação entre elas e influenciava bastante no jogo de forma negativa, pois se elas não estavam bem, não jogavam bem ou discutiam, demandando maior tempo e tentando explicar para elas a importância de saber diferenciar os papéis para poder encontrar formas de melhorar o treino. (E-3, p. 61-62).

Como exemplo pode citar uma de suas experiências a realização de aulas com um time universitário feminino, na qual o período menstrual das atletas era exatamente na mesma semana, então, até entender esse processo, onde havia pré-jogos e ele cobrava do time e não fluía, acabando uma ficando estressada com a outra, por errar passes e querer ir embora do treino, ele afirma ter realizado dinâmicas e levado “doces” para maior incentivo e

desenvolvimento das meninas naquela semana por questões hormonais (E-3, p. 61).

[...] o time sempre vem em primeiro lugar. Logo, não existe problema de um, mas o problema da equipe, de modo que eram estabelecidas em contrato informal normas e regras, em que o atleta assinava e acordava em segui-las. Ele escolhia seus líderes de equipe, pois não estaria a todo o momento com a equipe, dentro de quadra, principalmente porque ela deve resolver e entender tudo que acontece sem que isso afete no jogo (E-5, p. 67).

Por fim, destaca-se a relevância moral e ética da vida desses atletas, bem como no desenvolvimento profissional dos treinadores que utilizam da pedagogia e psicologia do esporte no seu ambiente de trabalho. No ponto de vista desta pesquisadora, uma boa estrutura e convívio entre o time, tal como dos atletas com seus demais colegas de jogo é de extrema importância para a ascensão da equipe, haja vista que em um ambiente com maior harmonia e união tornam-se praticamente nulas as ocorrências de conflitos que possam gerar a tensão e o sentimento de não pertencimento ao grupo. Os atletas devem acreditar no todo, bem como na metodologia de trabalho do seu treinador e na importância que ele tem como intermediador da equipe.

#### **4 AS HABILIDADES PSICOSSOCIAIS PRESENTES E POSSÍVEIS NO BASQUETEBOL**

A Psicologia do Esporte é uma ciência que estuda o comportamento humano antes, durante e depois de uma atividade esportiva ou de lazer. Segundo a American Psychological Association (APA) (2002), é o estudo dos fatores comportamentais que influencia e são influenciados pela participação e desempenho no esporte, exercício e atividade física.

Essa ciência analisa principalmente as bases e os efeitos psíquicos das ações esportivas em geral, levando em conta a análise dos processos psíquicos básicos, como a cognição, a motivação e emoção, por outro lado também as tarefas práticas do diagnóstico e da intervenção. Tem como função primária a descrição, explicação e prognóstico das ações esportivas com a finalidade de desenvolver e aplicar programas, fundamentados na ciência, considerando princípios éticos (NITSCH, 1986, 1989).

É importante entender os fatores psicológicos acerca do treinamento e desempenho físico/motor, como o fato de saber se a ansiedade afeta a precisão de tal atleta, se a falta de autoconfiança influencia na capacidade de aprender tal habilidade, de que modo o reforço e a punição de um técnico influenciam a coesão de uma equipe, dentre outros. (GOULD, D.; WINBERG, 2002).

Ressaltando ainda o uso da punição como meio de correção e ensinamento a criança e adolescente, relata o entrevistado nº 4, não acreditar que a retirada das atividades que eles gostam de frequentar, como forma de punição, por muitas vezes não é eficaz. Assim, acredita-se que deve dar a oportunidade dele se redimir, pois a punição dificilmente irá resolver um problema externo ao esporte, que também pode ser uma das coisas com a qual ele se identifica e tenta dar o seu melhor ou usar como ferramenta para melhorar em outros aspectos. Então, quando se retira um desses alunos do seu meio social, da atividade que tem maior afinidade, pode-se gerar uma frustração, principalmente no caso dos adolescentes e, por fim, afastá-lo do esporte.

Na linha da Pedagogia do Esporte, já é encontrada a relação esporte e educação. Como exemplo, Bento aponta que a Pedagogia do Esporte vai muito além de buscas por vitórias no campo esportivo:

[...] até porque, a vitória, uma vez consumada, deixa logo de o ser; aponta para tarefas novas e superiores. Além de que o desporto, mais do que celebrar o que em nós abunda, evoca aquilo que em nós falta. Por isso emergem nele o homem alto e o homem baixo, o homem sonhador e o homem vulgar, o homem grande e o homem pequeno (BENTO, 1999, p. 29).

A competição, visto como um dos traços dos JECs, segundo Paes (2002), quando tratada de forma adequada, sem uma valorização acentuada, pode promover a alegria e o prazer de uma prática, pois a incerteza característica, presente neste fenômeno, pode atuar como um fator de motivação, despertando cada vez mais o interesse pelo esporte, como ressaltam Ferreira, Galatti e Paes:

[...] o professor deve estar atento em promover intervenções positivas; ter a participação, a cooperação, a co-educação, a emancipação e a totalidade como princípios; buscando, assim, valer-se da pedagogia do esporte já discutida e não da simples administração da prática esportiva (FERREIRA; GALATTI; PAES, 2005, p. 128).

Dentro das exigências dos JECs, é possível destacar alguns procedimentos pedagógicos discutidos por Ferreira (2004), como a necessidade de o treinador proporcionar momentos reflexivos e de diálogos, favorecendo uma conversão de experiências ricas e abrangentes, além do jogo, mas que também agreguem na vida dos envolvidos. Outro procedimento relevante é o seu cuidado em tornar o meio esportivo em que vai atuar em um ambiente facilitador de relações interpessoais. No contexto esportivo é de suma importância manter um ambiente harmonioso e produtivo para o crescimento dos atletas, como foi relatado pela entrevistada nº 10 (p. 73), Yura Yuka Sato dos Santos, técnica e ex-atleta. Ela acredita na importância de estabelecer um diálogo, procurando entender as perspectivas e, por vezes, também elabora alguma dinâmica de exercício já prevendo que vai ser conflituosa com o intuito de ver como vai ser a reação da equipe diante de tal problema e, assim, deixa que seus atletas se resolvam de forma mais autônoma.

Santana (2005) afirma que a criança precisa sentir-se aceita para jogar e para se expressar plenamente; ela precisa se sentir bem e confortável para dialogar, questionar, arriscar e propor algo. Precisa aprender que tem o direito de errar e que não será julgada por isso. Desta forma, o autor traz o erro como um elemento imprescindível no processo de aprendizagem, apontando que através dele a criança descobrirá uma possível solução para os problemas técnico-táticos e de relacionamentos que a prática esportiva apresenta. A partir do momento que o aluno

se encontra num ambiente propício a relações de cooperação, respeito, solidariedade e companheirismo, a criança começa a compreender as dificuldades de uma outra forma e com uma outra visão.

Garantindo tal ambiente, se torna possível que os praticantes se empenhem e motivem-se nas atividades esportivas que escolheram, desfrutando do caráter socioeducativo, oportunizando a qualquer indivíduo o aprendizado através dele, independente de se tornar um futuro atleta, praticante ou admirador da modalidade.

## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 Objetivos do estudo**

#### **5.1.1 Objetivo geral**

Analisar as contribuições do ensino do basquetebol no processo de formação psicossocial de jovens atletas.

#### **5.1.2 Objetivos específicos**

- a) Identificar os conhecimentos e afinidade dos sujeitos com a Teoria das Inteligências Múltiplas e abordagens da Pedagogia do Esporte na atuação dos treinadores da pesquisa;
- b) Estabelecer relações entre os aspectos observados na pesquisa experimental, com os sujeitos participantes e os materiais encontrados na literatura nacional a respeito da temática.

### **5.2 Justificativa**

O tema Pedagogia do Esporte no basquetebol e o impacto na vida de jovens atletas sempre me intrigou, assim como sempre foi uma abordagem que tinha convicção de que gostaria de trabalhar e pesquisar. Fui atleta desde meus 10 anos e tive experiência com vários técnicos, o que me oportunizou aprender com cada um suas respectivas formas de trabalho, ir acrescentando no meu jogo e, atualmente, na minha profissão. Sempre fui encantada em analisar como o treinador/professor podia atuar na vida fora das quadras dos atletas, como e o que ele fazia para que o atleta quisesse estar todos os dias naquele mesmo horário para praticar aquele esporte, bem como o encantamento através da sua didática e da competência profissional.

Esse conceito aplicado ao fenômeno esporte mostra que a Pedagogia do Esporte, vinculada ao processo da iniciação esportiva no contexto de formação psicossocial de jovens, é muito importante quando se trata de ampliar o leque de



oportunidades dos alunos, motivando-os, a fim de torná-los capazes da prática, seja ela qual for.

Assim, esta pesquisa pode ajudar pessoas que já foram atletas e que querem trabalhar com isso, ou que também se interessem a estudar a parte do desenvolvimento profissional e suas competências, a fim de formar não somente atletas, mas cidadãos capazes de viver em comunidade.

### **5.3 Hipóteses**

Na pesquisa em questão, tem-se o propósito de elaborar um inventário acerca do histórico profissional de treinadores da modalidade em estudo (basquetebol) e seus principais conhecimentos a respeito das inteligências múltiplas e as metodologias encontradas na literatura, juntamente com outros artigos acerca do tema para a iniciação esportiva no basquetebol, bem como elencar e analisar elementos facilitadores e dificultadores da atuação profissional no cenário esportivo, dentre os aspectos motivacionais e afetivo-emocionais dos treinadores e atletas, a partir de observações psicossociais dos sujeitos participantes.

### **5.4 Tipo de pesquisa**

O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa que, por meio de uma entrevista semiestruturada, coletou-se depoimentos de 11 técnicos de basquetebol para análise do impacto deste esporte no processo de formação psicossocial de jovens atletas. A pesquisa qualitativa procura compreender e interpretar os fenômenos dentro de uma visão geral sobre o assunto, sem tratamento experimental ou mensuração de variáveis (ANDRÉ, 1995).

Além disso, esta pesquisa utilizou fontes bibliográficas que, juntamente à construção da revisão de literatura em que a pesquisadora teve contato, tornou-se possível a fundamentação sobre o tema de pesquisa.

### **5.5 Sujeitos participantes**

Para garantir a integridade e o sigilo dos onze entrevistados, vê-se que são dois do gênero feminino (n= 2, 18%) e nove do gênero masculino (n= 9, 82%), de idade

média de 40 anos, sendo o mais velho com 65 anos (E-8) e o mais novo com 28 anos (E-6), uns com experiência de 5 anos outros com mais de 20, no caso do E-8.

## 5.6 Instrumentos

No Quadro 1, a seguir, apresenta-se o questionário de caracterização que foi utilizado para obter os dados afim de identificar os grupos participantes da pesquisa, descrevendo a quanto tempo os respondentes estão envolvidos nesse contexto, se atualmente atuam em clube ou escola, quando se formaram, entre outros dados.

**Quadro 1 – Questionário aplicado aos profissionais/ técnicos**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Nível formação</b>	<b>Área de atuação</b>
<b>1</b>	Você já foi atleta? Acredita que um treinador, com experiências anteriores como atleta, apresenta vantagens na sua atuação liderando uma equipe?			
<b>2</b>	Qual a maior dificuldade encontrada, a ser trabalhada dentro do esporte, no âmbito psicossocial? (atenção, ansiedade, traumas psicológicos, foco, motivação, concentração, agressividade, dentre outros)			
<b>3</b>	Como voce relaciona o esporte em si com a questão acadêmico-atitudinal?			
<b>4</b>	Você tem conhecimentos sobre e elabora seus treinos com base nas inteligências múltiplas? Você aplica os 8 tipos conhecidos pela literatura? Se sim, como?			
<b>5</b>	Em casos que não conheça as Inteligências Múltiplas, dê exemplos de métodos que utiliza para ministrar as aulas			
<b>6</b>	Como você administra conflitos interpessoais nos treinamentos?			

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Já para a análise de dados, as respostas dos profissionais envolvidos foram tabuladas e selecionadas, com o objetivo de separar as de maior relevância para os

objetivos propostos, como se observa no Quadro 2, utilizando um roteiro de seis questões elaboradas antecipadamente, compondo uma entrevista semiestruturada, livre que pudessem expor seus pontos de vista e, assim, responder os tópicos que justificam a pesquisa.

**Quadro 2 – Perfil dos profissionais/técnicos que responderam ao questionário**

<b>PERFIL DOS PROSSIONAIS</b>	<b>DADOS</b>
<b>Idade</b>	Média: 40 anos
<b>Gênero</b>	Feminino: n=2 (18%) / Masculino: n=9 (82%)
<b>Formação</b>	Licenciatura plena: 27,2% Bacharelado: 27,2% Licenciatura e Bacharelado: 45,4%
<b>Área que já atuou</b>	Clube: 54,5% Clube e escola: 45,4%

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

## 5.6 Procedimentos

Foi realizado um contato com cada participante com antecedência, para apresentar o objetivo do estudo e o procedimento da coleta. O questionário foi feito individualmente, por uma entrevista online, através de chamada de vídeo, pela plataforma *Google Meet*. Por conta de a coleta de dados ter ocorrido durante a pandemia, solicitei a permissão para que pudesse gravar a entrevista como material para análise de dados. Todas entrevistas foram transcritas no trabalho, e se encontram na página 56.

## 5.7 Cronograma

2021/2022	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
-----------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Organizaçã o do trabalho	X	x	x	x	x							
Seleção do orientador	X											
Criação dos objetivos			x									
Revisão Bibliográfica			x	x	x	x	x	x	x			
Coleta de dados						x	x					
Análise de dados							x	x	X			
Escrita do TCC								x	x	x	x	x

### 5.8 Análise e coleta de dados

Para coleta de dados, optou-se pela entrevista semiestruturada, como citado acima. De acordo com Gil (2008) essa forma de coleta é um tipo de entrevista em que o entrevistado tem a oportunidade de transcorrer sobre um determinado assunto livremente, deixando-a flexível a qualquer alteração em relação a ordem de perguntas ou que fossem remodeladas durante a entrevista, permitindo também ao entrevistador aprofundar questões não previstas no roteiro devido a estruturação por meio de temas ou perguntas chaves.

No intuito de orientar e facilitar o desenvolvimento da entrevista, foi elaborado um roteiro prévio de questões, o qual permitiu obter além das informações de cunho pessoal e profissional dos sujeitos participantes, as informações relativas ao objetivo do estudo. Para maiores informações, aos leitores que quiserem ver as descrições na íntegra, se encontram no Anexo A (p. 55).

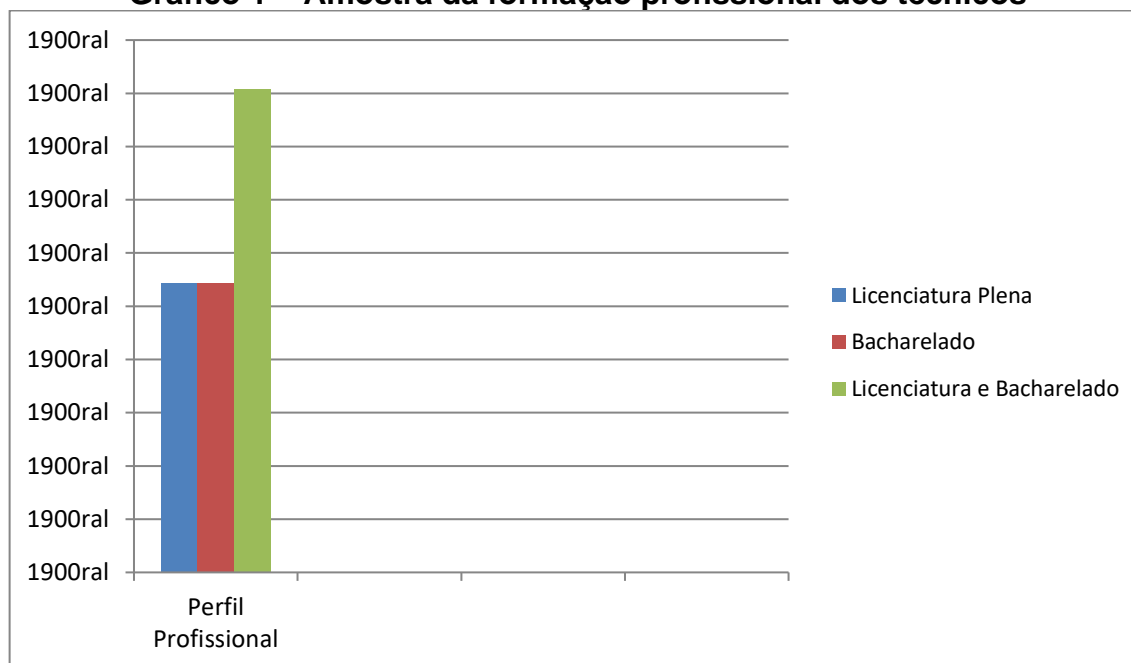
No decorrer do trabalho, para discutir a literatura estudada com os dados coletados, serão trazidos a seguir algumas das frases dos entrevistados, visto que foi utilizada uma entrevista semiestruturada.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

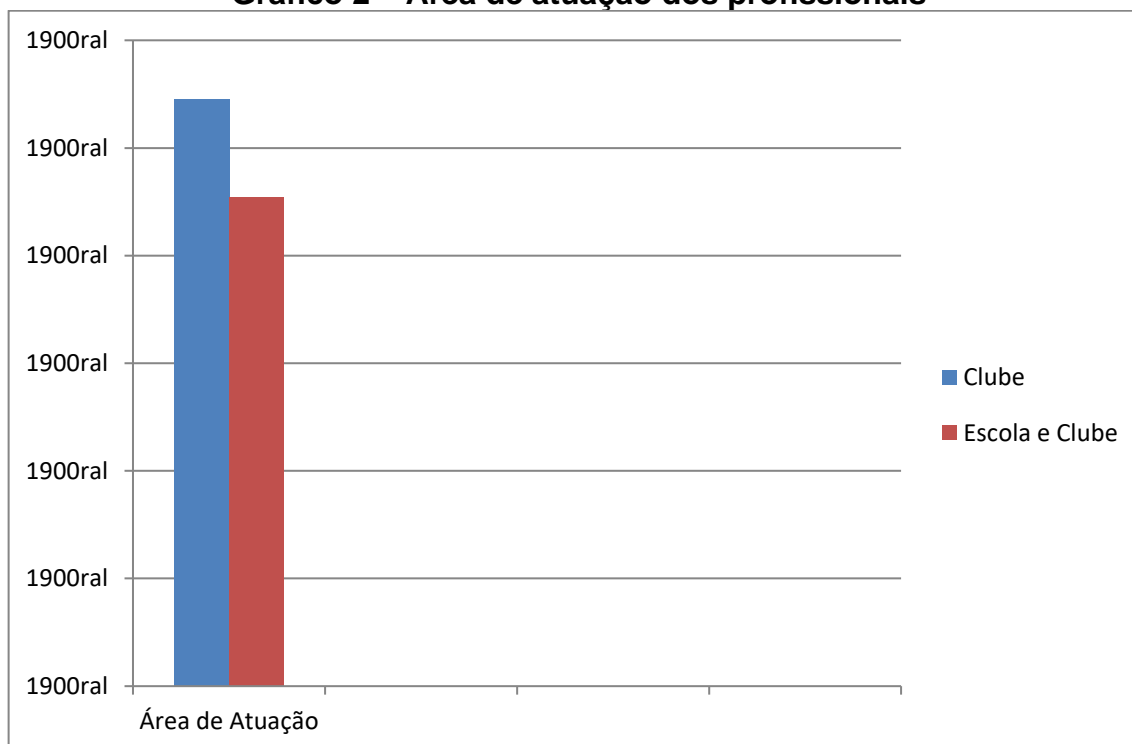
### 6.1 Caracterização dos profissionais em atuação

Com base nas respostas coletadas, contamos com uma amostra de 11 profissionais atuantes no treinamento de basquetebol, em regiões do interior de SP e sul de Minas Gerais. Essa amostra apresentou uma idade média de 40 anos, e em relação a formação profissional temos um total de 27,2% (n= 3) dentro da Licenciatura Plena, modalidade esta que pode atuar nos dois contextos; 27,2% (n=3) também, com Bacharelado e experiência apenas em clubes; e 45,4% (n= 5) com Licenciatura e Bacharelado. Esses dados revelam que quase metade da amostra tem a dupla formação (Gráfico 1), mas que a grande maioria dos técnicos envolvidos não chegaram a ter experiência apenas em escola especificamente, mas em clubes, os quais representam um total de 54,5% de atuação do total dos entrevistados, e com passagens nos dois contextos, 45,4% (Gráfico 2).

**Gráfico 1 – Amostra da formação profissional dos técnicos**



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

**Gráfico 2 – Área de atuação dos profissionais**

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

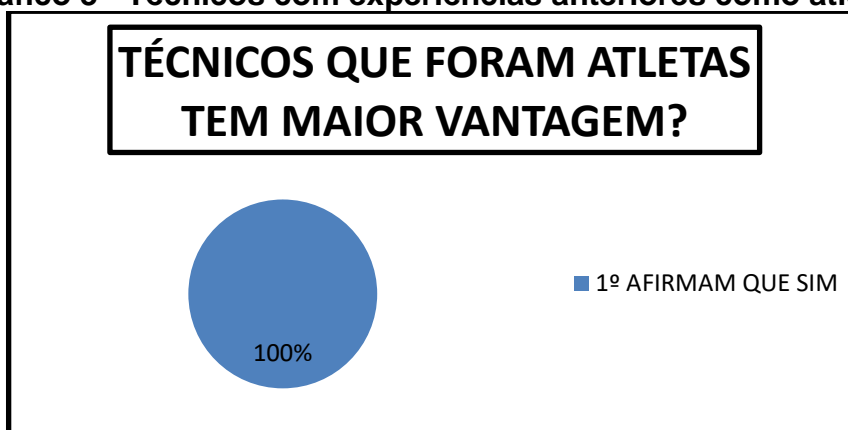
À medida que a entrevista foi sendo realizada, os técnicos manifestaram seus conhecimentos aprendidos ao longo de suas carreiras, suas percepções de vida e histórias do próprio desenvolvimento pessoal e profissional, além de abordar suas filosofias de trabalho.

No que tange as seis questões propriamente ditas, que elencaram a entrevista, a primeira questão trata-se das experiências dos entrevistados como atletas e a influência disso no âmbito profissional; a segunda questão consiste em debater sobre os principais problemas no contexto psicossocial que é encontrada na geração dos atletas atualmente e como o basquetebol pode contribuir; já terceira questão aborda a relação do basquete com a questão acadêmico atitudinal, ou seja, o efeito do basquetebol na dedicação da escola e no comportamento fora da quadra; a quarta questão traz o conceito da Teoria das Inteligências Múltiplas e se é um assunto já estudado ou conhecido por eles e, seguido dela, a quinta pergunta, pois se for afirmativa, se pede uma explicação breve sobre como são elaborados os treinos trazendo a teoria na prática ou em caso negativo, pedindo alguns exemplos de metodologia do trabalho aplicado; e, por último, saber dos técnicos como eles agem e lidam com conflitos interpessoais quando presentes dentro de suas equipes,

analisando o papel do profissional diante de situações fora da zona de conforto e convívio pleno.

Em relação aos treinadores que acreditam que o fato de terem sido atletas em algum momento da vida influencia no momento em que se tornam técnicos de alguma equipe foi considerável, sendo que todos responderam que concordam, mas que não é algo determinante (Gráfico 3).

**Gráfico 3 - Técnicos com experiências anteriores como atletas**



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Alguns treinadores afirmaram que foco, atenção e concentração foram os problemas de cunho psicossociais mais enfrentados até o momento, quando técnicos de alguma equipe (entrevistados 1, 4, 8 e 9), justificaram que, por conta do contexto atual de tecnologia que vem crescendo cada vez mais e também menos incentivos e estímulos a fim de ampliar o leque de brincadeiras quando crianças.

Outros afirmaram que foi a carência por parte dos atletas (entrevistado nº 2), a superproteção dos pais (entrevistados 2, 3, 4 e 7), ou por vez a insegurança (entrevistados 5 e 6), o próprio entendimento do jogo e tomadas de decisão (entrevistado nº 7), juntamente à diminuição da condição motora (entrevistado nº 11), em que os atletas chegam nas categorias mais acima com comprometimento e limitação de movimentos básicos.

De modo claro e evidente, todo esse contexto se mostra exposto no Gráfico 4 e, por consequência dos problemas relatados anteriormente, em especial a ansiedade, por ser tratada como o mal do século, também se mostrou presente principalmente na fase da adolescência, em que a tecnologia se tornou um grande obstáculo do esporte (entrevistados 8 e 10). Como relatou o entrevistado nº 8, dando ênfase em uma de suas maiores dificuldades:



Atualmente, pelo fato de trabalhar com esta geração dos 04 aos 17 anos, que está extremamente conectada a tecnologia de certa forma até precoce, acredita que o maior problema encontrado seja a falta de atenção, concentração e ansiedade das crianças e adolescentes devido aos níveis altos de inserção no mundo tecnológico (E-8, p. 69).

**Gráfico 4 - Dificuldade encontrada a ser trabalhada no esporte no âmbito psicossocial**



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em relação à realidade no que diz respeito ao contexto acadêmico-atitudinal, nenhum deles cobram boletins acadêmicos para servir de parâmetro para jogar ou não, até mesmo por ser, na maioria das vezes, uma atividade extracurricular, logo não há esse controle. O entrevistado nº 3 ainda destaca que “Na questão da relação com notas na escola e a prática, em sua experiência extracurricular não havia interferências quanto ao tema, pois as aulas praticadas eram por fora, sem ligação com as disciplinas escolares” (E-3, p. 60). Logo, o entrevistado nº 1 acredita que a dedicação nos estudos atrelada ao futuro no esporte é algo muito indefinido, podendo ocorrer lesões em atletas que não se dedicaram academicamente, deixando-o sem perspectiva futura nenhuma, a não ser o esporte.

Os entrevistados 2 e 3 defendem que o atleta é o reflexo dentro e fora da quadra, tanto em questão da dedicação na escola quanto em casa. No que se refere ao controle de ansiedade no jogo para melhorar em outros contextos, o entrevistado

nº 7 defende a ideia de melhorar o raciocínio rápido e a coordenação, os quais auxiliaram também em outras atividades do dia a dia.

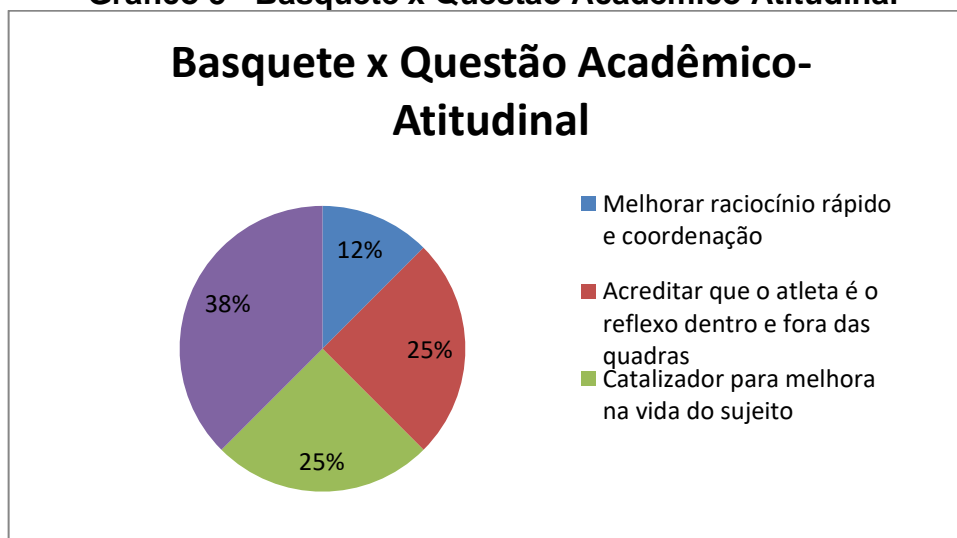
Dentre o questionamento “o atleta dentro das quatro linhas é o reflexo fora delas”, o entrevistado nº 4 foi o único que não concordou, uma vez que acredita que o ambiente em que está inserido pode influenciar.

Os entrevistados 5 e 8 afirmaram que o basquete deve ser utilizado como catalizador para melhorar a vida das pessoas, ou seja, uma ferramenta capaz de transmitir valores. Nesse sentido, o entrevistado nº 5, traz um esclarecimento de suma importância:

O esporte serve como plataforma e mecanismo de transformação de vidas, divide-se em duas partes importantes, valores e atitudes. Uma é a partir do momento que se trabalha os valores, ideias éticas, que permite emitir juízo sob uma conduta, como exemplo a solidariedade, responsabilidade, comprometimento, e a outra é a partir do momento que a atitude é trabalhada, a forma de realizar a conduta de acordo com os valores determinados. O basquete tem que ser usado como catalizador para poder melhorar a vida das pessoas, independente se vai virar atleta ou não, mas contribuir para se tornar um cidadão de bem, repassando de geração em geração (E-5, p. 66).

Os entrevistados 5, 6 e 10 são os únicos que ainda estão no meio acadêmico. Eles defendem o posicionamento de que é necessário influenciar seus atletas a sempre estudarem, mostrando a importância da parte teórica na vida deles e também no contexto de jogo. Já os entrevistados 10 e 11 dizem ter uma troca muito boa com os pais desses jovens, estabelecendo regras e recebendo feedbacks deles sobre o comportamento de seus filhos em casa e na escola, para ter um direcionamento do que fazer (Gráfico 5).

**Gráfico 5 - Basquete x Questão Acadêmico Atitudinal**

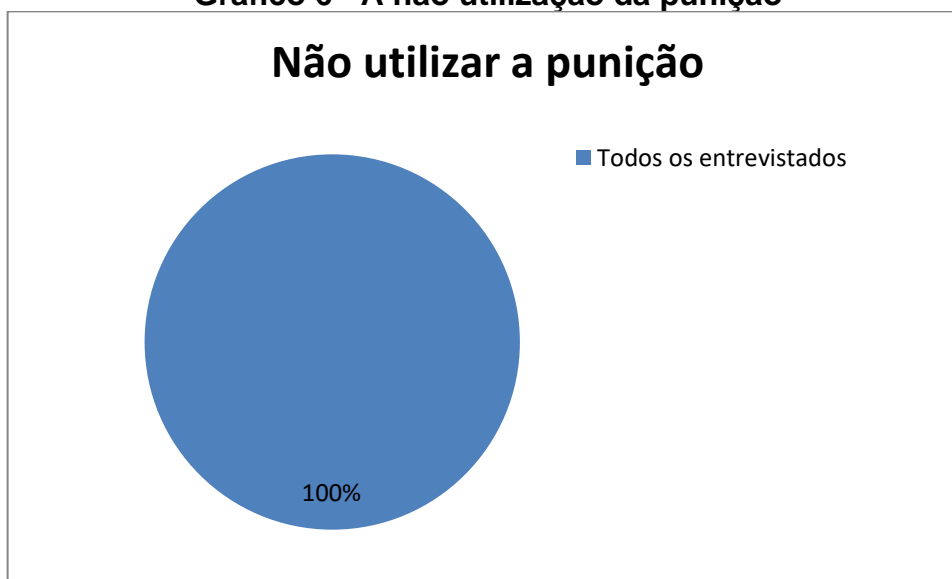


Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Todos os entrevistados consentem que a punição não é uma opção válida por meio do esporte, mediante o mau comportamento na escola, como mostra o Gráfico 6, dado que diversas vezes esse adolescente/criança acaba piorando ou até mesmo desistindo de algo que o ajuda a evoluir, como ressalva o entrevistado nº 4:

Não acreditar que a retirada das atividades que a criança/adolescente gosta de frequentar com base em uma forma de puni-lo por muitas vezes não é eficaz, acredita-se que primeiramente deve-se dar a oportunidade do mesmo se redimir, pois por muitas vezes a punição não irá resolver, mas sim afastá-lo ou até mesmo gerar uma frustração principalmente no caso dos adolescentes (E-4, p. 63).

**Gráfico 6 - A não utilização da punição**

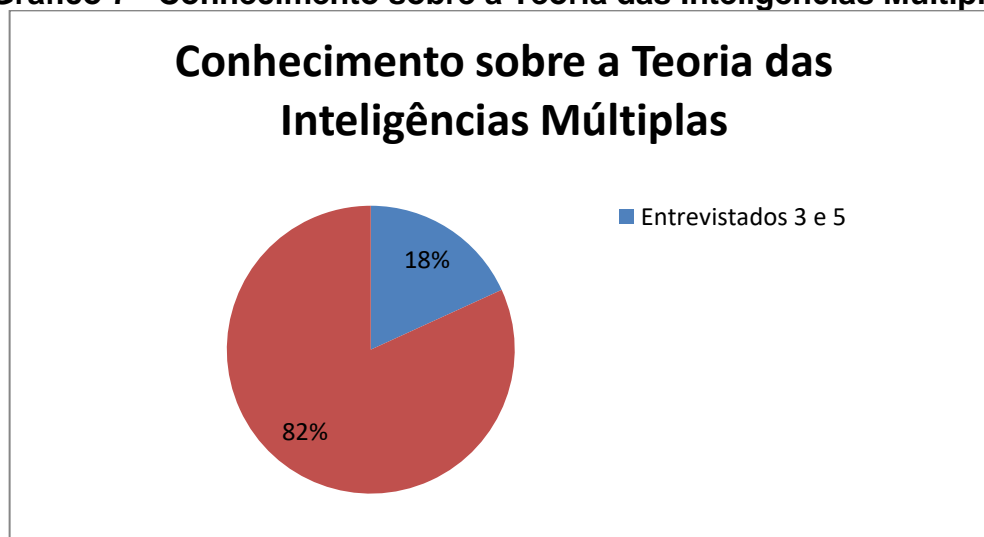


Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Já na questão que versa sobre o tema da Teoria das Inteligências Múltiplas e as Metodologias abordadas no treinamento, o que já era esperado se comprovou, ou seja, a maioria tinha conhecimento sobre, mas não utilizava dela como direcionamento de conteúdos para ministrar seus treinos, e sim estímulos e conceitos da Neurociência do Esporte, porém não se baseava fundamentalmente em cada uma das inteligências, com exceção dos entrevistados 3 e 5, ou seja, 81% dos entrevistados já tinham ouvido falar sobre ou nem chegaram a ter um conhecimento superficial e apenas 18% totalizam os que já estudaram sobre (Gráfico 7).

O entrevistado nº 3 está fazendo mestrado no segmento da Psicologia do Esporte e, por consequência, a Teoria das Inteligências Múltiplas é um termo que ele já estava bastante familiarizado, inclusive utilizava como direcionamento em seus treinos, e ressalta que, além de facilitar o trabalho do treinador, contribui para que a criança desenvolva competências para a vida. Já o entrevistado nº 5 atualmente faz mestrado no segmento da Pedagogia do Esporte, mas no início da sua carreira desenvolveu um projeto em uma escola com base nas Inteligências Múltiplas.

**Gráfico 7 - Conhecimento sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas**



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

**Entrevistados 3 e 5:** conhecimento sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas e ainda se utilizam dos conceitos dela nas suas metodologias.

**Todos os outros:** Apenas ouviram falar, mas não têm conhecimento sobre.

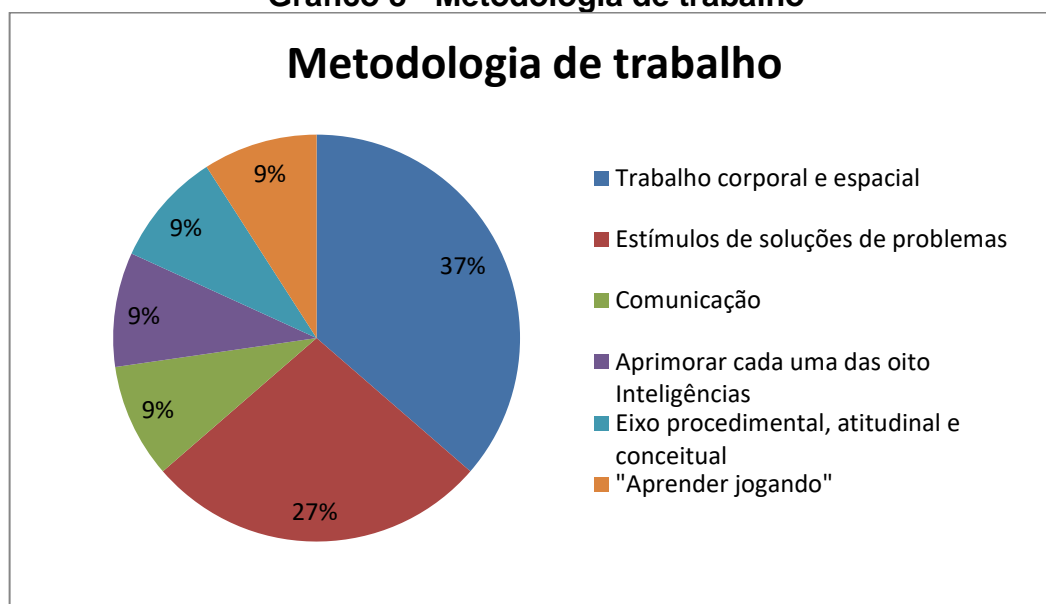
Em relação às metodologias abordadas, os entrevistados 1, 4, 6 e 8 relataram que estimulam primordialmente o trabalho corporal e espacial, posteriormente inicia-se o trabalho com bola, sempre introduzindo atividades lúdicas que estimulem seus atletas a vivenciarem situações do esporte propriamente dito com algumas adaptações. Os entrevistados 2, 7 e o 11 disseram que utilizam desde as categorias iniciais o estímulo em formar atletas solucionadores de problemas, além de se comunicarem dentro de quadra, e também trabalhar especificamente aquilo que os atletas apresentaram ter uma deficiência. Já o entrevistado nº 3 diz que em categorias iniciais estimula principalmente a comunicação, pois dentro de quadra eles precisam de entender e, mais adiante, após a identificação de alguns padrões, inicia-se a especialização de algumas competências.

O entrevistado nº 5 que foi o que mais discursou sobre essa questão pelo fato de já ter elaborado um projeto sobre esse tema com seus atletas, disse que costuma ministrar seus treinos com o fim de trabalhar cada uma das oito Inteligências, controle de corpo, lateralidade e movimentação, percepção de ritmos, situações de vantagem e desvantagem numérica, comunicação, relacionamento entre os atletas e também com a comissão técnica, e conhecer seus próprios limites, mas também de maneira dinâmica, bem como também discorre sobre a forma que trabalha com as inteligências múltiplas, mencionado em partes sua entrevista, a seguir:

Essas manifestações citadas pelo Howard Gardner, um dos principais pesquisadores e de maior destaque na linha da Psicologia, criador da teoria das Inteligências Múltiplas que podemos adotar dentro do basquete, dentro do jogo, aplicações que envolvam o jogo propriamente dito, brincadeiras com caráter competitivo, movimentos e ações semelhantes ao esporte, e com isso identificar cada uma das inteligências. Na Cinestésica corporal, relata o trabalho focado na identificação do controle do corpo nas mais variadas formas, posições, durante dribles, arremessos, passes, execução de técnicas de movimentos no geral. Na espacial, lateralidade, noção de espaço na condução de bola frente a uma defesa por zona ou individual, movimentação para a cesta. Já no musical, durante o jogo seja ele qual for, é notório a produção de sons, do quicar da bola, ruídos dos passos ao correr, levando a percepção dos vários ritmos. Na lógico-matemática, a análise de vantagem e desvantagem numérica é um ponto crucial no basquete, o jogador que tem essa percepção pode usar isso como uma vantagem, outro ponto dessa inteligência são os diferentes tipos de defesa 2x3, 3x2, 2x1x2. A verbal-linguística, está na comunicação típica da modalidade, termos estrangeiros, como pick and roll, suffle. A interpessoal, e o relacionamento entre jogadores com prestadores de serviço, comissão técnica, companheiros de equipe, fazem a diferença quando se trata de um atleta completo não só dentro de quadra, assim como na intrapessoal que é conhecer seus limites em determinadas situações, a capacidade de se adaptar, que se atrela aos valores aplicados pelos seus educadores sob pressão muitas das vezes (E-5, p. 65-66).

Como o único entrevistado que o currículo se volta mais ao lado pedagógico foi o entrevistado nº 9, este destacou informações importantes, como a divisão da sua metodologia em 3 eixos: procedimental, que consiste na coordenação motora, lateralidade e gesto motor; atitudinal, consistindo na excelência, efetivação nos treinos e aproveitamento; conceitual, que é a teoria, o conhecer e o fazer. O entrevistado nº 10 mencionou fatores de suma importância, construtivas para o processo evolutivo da pesquisa pelo fato de ter se especializado na área da Pedagogia do Esporte, em que defende a ideia de aprender através do próprio jogo, “aprender a jogar jogando”. Sempre utiliza no início dos treinos algo voltado para prevenção de lesão e depois o jogo, com as adaptações que quer trabalhar, placar, cronômetro, tomada de decisão e ao final alguma intervenção dela (Gráfico 8).

**Gráfico 8 - Metodologia de trabalho**

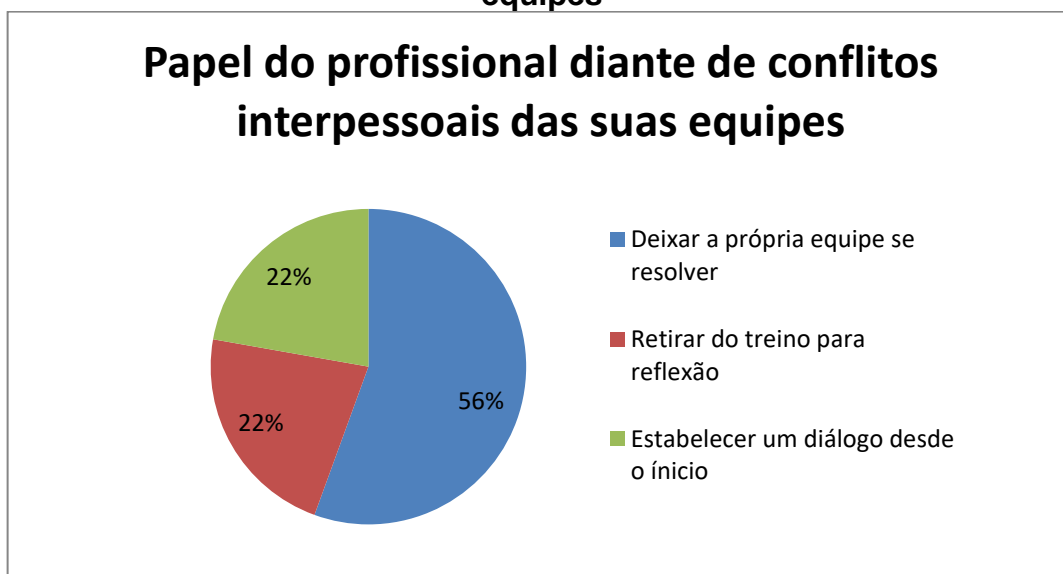


Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Por fim, a última questão da entrevista, que aborda o papel do técnico em relação a situações de conflitos interpessoais, foi possível analisar diferentes formas de resolver esses problemas. Os entrevistados 1, 3, 4, 6 e 7 concordam no princípio de estimular a própria equipe a se resolver e, quando necessário, haveria a intervenção por parte deles. Diferente dos entrevistados 2 e 5, que sempre no início da temporada pré-estabelecem regras, sendo que aquilo que for combinado deverá ser cumprido. Em casos de conflitos entre atletas, ele deverá sair do treino e ir para

casa e, em um outro momento, haveria o diálogo sobre o acontecido. Já os entrevistados 2 e 11 relataram na entrevista que colocam o diálogo com seus atletas em primeiro lugar, não deixando passar nada e nem ficar nenhum tipo de mal-entendido, mantendo sempre um ambiente amistoso e convidativo (Gráfico 9).

**Gráfico 9 - Papel do profissional diante de conflitos interpessoais das suas equipes**



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados obtidos nesse estudo, é possível considerar diversos desafios são enfrentados para chegar num contexto satisfatório em relação à formação de atletas, mas o que já se pode comprovar é a formação de cidadãos autônomos, aptos a conviver em comunidade devido à boa estruturação com treinamento, utilizando abordagens da Pedagogia e da Psicologia do Esporte, como foi relatado em diversas abordagens realizadas na pesquisa para o desenvolvimento deste. Ressalta, ainda, que a influência tanto no cenário emocional quanto no físico dos atletas apresenta um valor extremamente significativo.

Com todos os avanços da tecnologia e modificações que o esporte já sofreu até chegar ao que se presencia atualmente, conclui-se que haverá uma busca cada vez maior por uma pedagogia que não apenas leve em conta procedimentos pedagógicos, mas que, sobretudo, seja vista como um processo capaz de lidar com o esporte, respeitando seus diferentes significados e intenções. Desta forma, tal processo não se limita ao ensino e à aprendizagem esportiva, mas sim ao que é denominado de ensino-vivência-aprendizagem socioesportiva.

Conclui-se, também, que é necessária uma possível reformulação nos programas de gestão e organização dos projetos e escolinhas, além de mais investimentos em cursos para treinadores, visto que o contexto de formação de treinadores no país ainda é pequeno.

É necessário que os principais desafios citados no trabalho sejam solucionados, o alinhamento de propostas de trabalho, a mudança da perspectiva de aprendizagem presente nos programas de formação, bem como o reconhecimento do próprio contexto de trabalho do treinador esportivo com uma estrutura de desenvolvimento profissional com potencial para aprendizagem contínua.

Em relação aos dados coletados e analisados, evidencia-se que, apesar da maioria dos profissionais de educação física e técnicos de basquetebol terem no seu currículo de dupla formação, a minoria escolhe iniciar seus trabalhos ou desenvolver projetos na área escolar, onde sabemos que é a parte principal para reverter o contexto tão difícil que vemos hoje, responsável principalmente por engatilhar vários dos problemas do âmbito psicossocial tratados no trabalho.

Outro ponto primordial que foi possível de ser comprovado nesta pesquisa foi que a Teoria das Inteligências Múltiplas é imprescindível na elaboração das



metodologias de trabalho em times de basquetebol, e apenas 18% dos entrevistados representam os que já tinham conhecimento teórico, ou seja, todos os outros 82% que já ouviram falar ou nem sabiam do que se tratava, faziam parte de suas metodologias de trabalho sem sequer saber conceitos teóricos, e não tiveram a preocupação ou a prioridade de ter considerado também estes conhecimentos para enriquecê-los no comando de suas equipes, e sabemos que isso deve acontecer, aliar a prática e a teoria.

Em suma, este trabalho foi capaz de abrir os olhos desta pesquisadora para estratégias de ensino e alertas sobre os principais pontos de falhas que culminam no cenário do basquetebol atual brasileiro que é tão atrasado diante de outros países. Com isso, este estudo foi de grande relevância para melhor entendimento do tema, mas também na influência que o mesmo acarreta na vida dos atletas e técnicos, resultando no encorajamento em dar continuidade e maior profundidade ao conteúdo em questão, para a ascensão deste na evolução do esporte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Camilla de. Conheça a história do basquete. **Uninassau**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.uninassau.edu.br/noticias/conheca-historia-do-basquete#:~:text=O%20basquete%20foi%20criado%20em,de%20Massachussets%2C%20nos%20Estados%20Unidos>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- BALBINO, H. F.; PAES, R. R.; Processo de ensino-aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. *In*: ROSE JÚNIOR, D. de; TRICOLI, V. **Basquetebol uma visão integrada**. Barueri: Manole, 2005
- BALBINO, Hermes Ferreira. **Inteligências Múltiplas**: Uma experiência em pedagogia do esporte e da atividade física no Sesc São Paulo. São Paulo: Edições Sesc, 2015.
- BALBINO, Roberto Rodrigues Paes Hermes Ferreira Balbino. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. *In*: GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues (orgs.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas**: pedagogia do esporte – vol. 1. Campinas, SP: Unicamp, 2017.
- BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S. Personalidade e esporte: uma revisão. **Rev. Bras. Ciênc. Mov.**, [S. l.], v. 13, n. 32, p. 101-110, 2005.
- BAYER, C. **O ensino dos deportes colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.
- CARLOS, J.; MORALES, P.; GRECO, P. J. A influência de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol sobre o nível de conhecimento tático processual. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 291-299, 2007.
- CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. *International Journal of Sports Science and Coaching*, [S. l.], n. 4, v. 3, p. 307–323, 2009.
- DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos - modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 99-104, out. 2002.
- FOLLE, A. **Processo de formação esportiva**: estudo em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino. 2014. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2014.
- GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, [S. l.], v. 6, p. 397–408, 2008.

GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues (orgs.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas**: Pedagogia do Esporte – vol. 1. Campinas, SP: Unicamp, 2017.

GALLATI, Larissa Rafaela *et al.* Papéis do treinador esportivo de categorias de base nos jogos esportivos coletivos. *In*: GALATTI, Larissa; SCAGLIA, Alcides José; MONTAGNER, Paulo Cesar; PAES, Roberto Rodrigues (orgs.). **Desenvolvimento de treinadores e atletas**: pedagogia do esporte – vol. 1. Campinas, SP: Unicamp, 2017. p. 17-38.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER, Howard. **The development and education of the mind**: the selected Works of Howard Gardner. Nova York: Taylor & Francis, 2006.

GARDNER, Howard; CHEN, Jie-Qi; MORAN, Seana. **Inteligências Múltiplas ao redor do mundo**. Porto Alegre, Artmed Editora, 2010.

GARGANTA, J.; CUNHA; SILVA, P. O jogo de futebol: Entre o caos e a regra. **Horizonte**, Belo Horizonte, n. 91, p. 5-8, 2000.

GUIMARÃES, Ricardo Delfino. A teoria das inteligências múltiplas. **Cesvale**, Teresina, PI, 2009. Disponível em: <https://cesvale.edu.br/a-teoria-das-inteligencias-multiplas/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HORGER, M. T. **Play by the rules**: the creation of basketball and the Progressive Era (1891-1917). 2001. Dissertação (Doctor of Philosophy) – Ohio State University, Ohio, 2001.

LIGHT, R. Accessing the inner world of children: The use of student drawings in research on children's experiences of Game Sense Proceedings. *In*: THE ASIA PACIFIC CONFERENCE ON TEACHING SPORT AND PHYSICAL EDUCATION FOR UNDERSTANDING, 2007, Sydney. **Papers** [...] Sydney: The University of Sydney, 2007. p. 72-83. Disponível em: [http://www.prolearn.edsw.usyd.edu.au/resources/papers/Proceedings\\_TGfU\\_06\\_AsiaPacificSport.pdf](http://www.prolearn.edsw.usyd.edu.au/resources/papers/Proceedings_TGfU_06_AsiaPacificSport.pdf). Acesso em: 03 mar. 2022.

LOVATTO, D. L.; GALATTI, L. R. Pedagogia do Esporte e Jogos Esportivos Coletivos: das Teorias Gerais para a Iniciação Esportiva em Basquetebol. **Movimento & Percepção**, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 268-277, 2007.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MACHADO, G. V. **Pedagogia do Esporte**: organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação não formal. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012

MARQUES, A. T. Conceito geral de treino de jovens - aspectos filosóficos e doutrinários da actividade e do treinador. **Treino Desportivo**, [S. l.], v. 20, p. 4-11, 2002.

MARQUES, A. T. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

MEDALHA, José. **Histórico e evolução do basquetebol masculino no Brasil**: um estudo com base nos resultados da seleção brasileira - (1986 - 1988). 1989. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, São Paulo, 1989.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE, D. de *et al.* **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.89-98.

PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

PASTOR, L.; VÍCTOR, M. Didática da Educação Física, desigualdade e transformação social. **Physical Estudios Pedagógicos (Valdivia)**, [S. l.], v. 38, p. 155-176, 2012.

RODRIGUES, H. D. A. *et al.* As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, [S. l.], v. 29, n. 51, p. 100, 2017.

ROSE JÚNIOR, Dante de *et al.* **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SILVA, J. M. G. da. O ensino dos jogos desportivos colectivos: perspectivas e tendências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 19-27, 1998.

SOUSA, MARLUS ALEXANDRE; VENDITTI JÚNIOR, R. iniciação esportiva no programa segundo tempo: perspectivas teóricas, reflexões e proposta metodológica para os fundamentos do basquetebol. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 14, p. 94-21, 2009.

SOUZA, A. M. **Esporte espetáculo**: a mercadorização do movimento corporal humano. 1991. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111444/88812.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mar. 2022.

TAVARES, M. A. *et al.* Relação treinador-atleta e a experiência positiva de jovens no esporte extracurricular. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 146–161, 2021.

TECHNIQUE, T. T. H. E. O ensino da técnica e da tática: novas abordagens metodológicas. **Journal of Physical Education**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 49–56, 2004.

THORPE, R.; BUNKER, D.; ALMOND, L. **Rethinking Games Teaching**. Loughborough: University of Technology, 1986.

TOZETTO, A. *et al.* A concepção de estudantes de educação física sobre a importância do esporte e os papéis do treinador no desenvolvimento positivo de jovens. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v.19, n.02, p.7-15, 2020.

VENDITTI JÚNIOR, R. **Autoeficácia docente e motivação para a realização de profissionais de Educação Física Adaptada**. Curitiba: CRV, 2014.

VENDITTI JÚNIOR, R.; SOUSA, M. A. Tornando o “jogo possível”: reflexões sobre a Pedagogia Do Esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 47–58, 2008.

## ANEXO A – ENTREVISTAS COM OS TÉCNICOS

Entrevistas coletadas e transcritas nas datas entre 14 a 22 de dezembro de 2021

### ENTREVISTADO 1 (E-1)

Nascido em 20 de janeiro de 1987, bacharel em Educação Física na Faculdades Integradas de Bauru (FIB) em 2012 e pós-graduado em Fisiologia do Exercício na Universidade Anhanguera. Não atuou como professor de Educação Física em escola, mas ministrou aulas de basquetebol extracurriculares. Atua como atleta nos clubes Bauru Basket Santos, São Sebastião do Paraíso e Americana, e como professor/técnico no Bauru Basket/ABDA, na UNESP, *campus* Bauru, Uninove e COC.

1. Já foi atleta por 11 anos e acredita que não leve vantagem, mas que obviamente saberá lidar um pouco mais com os atletas por ter passado por isso, mas que ele não se sobressai em questão de capacidade de um técnico que estudou e não teve essa vivência da parte de quadra. Assim, afirma que irá entender muito mais o atleta e será muito mais companheiro.

2. Julga ser mais difícil lidar hoje com o foco dos atletas. Acredita que hoje foco vem muito rápido e vai muito rápido, e muitos fatores externos atrapalham a aprendizagem, como, por exemplo, a própria tecnologia e o aumento no uso das redes sociais, por isso entende que manter o foco é mais complicado. Desde a iniciação até a base, a distração é muito grande devido às redes sociais, por isso deve sempre trabalhar o objetivo para mantê-los focados, sendo que muitos estão mais preocupados com o que os outros vão achar sobre seus rendimentos e performances do que realmente no processo em si.

3. Diz que seria bom andar lado a lado no Brasil, mas sabe-se que hoje não isto não faz parte da realidade, já que esses dois fatores tinham que se comunicar, ter um elo, mesmo por parte dos técnicos (alto rendimento ligado aos professores) e mesmo dentro da escola. A educação física não pode ser tratada como inferior a outras disciplinas, haja vista que se o garoto não gosta de esporte, ele pode estar ali na aula aprendendo algum valor de equipe, algo que agregue em outras questões da vida, como na parte profissional, dentro de uma equipe de uma empresa, por exemplo. E o contrário também, pelo esporte ser muito indefinido, se focar somente no esporte,

sabe-se que o alto rendimento tem muitas lesões, altos e baixos, podendo deixar o atleta na mão e tirando a oportunidade de ele seguir na prática, afetando na parte profissional não tendo o "plano B". Nas disciplinas extracurriculares do COC-Bauru não precisava apresentar boletim, os próprios professores conversavam para ver a situação dos alunos, mas não tinha nada combinado sobre algum tipo de punição. Já no projeto do Bauru-Basket ABDA, eles precisam apresentar o boletim, a criança que está com a nota baixa fica de fora do treino.

4. Na teoria mesmo já cheguei a estudar algo, mas na prática não é algo que a gente trabalhe. Pensando nessas oito Inteligências, é algo que a gente acaba usando, mas não explicando cada uma delas separadamente. A gente atua, pensa no treino, cada fase, o que precisa exigir mais, mas não é o que hoje a gente pensa e põe no papel diretamente.

5. Na iniciação a gente vai trabalhar muito mais a questão corporal: footwork, trabalho sem bola, começa a fazer ela pensar que está com bola mesmo estando sem a bola; e também a parte espacial, tamanho de quadra, linhas, espaço. Ao passar do tempo começa a colocar a bola. Inicia-se o trabalho com regras de números (lógico matemática), usando contas de soma e multiplicação de forma lúdica, no meio do exercício, a importância do trabalho em equipe (interpessoal) e a importância de saber ganhar, e lidar com a derrota (intrapessoal). Daí em diante, o trabalho em grupo, agregando mais conceitos do basquete em si.

6. De início, o mais viável é a própria equipe tentar se resolver, para não tornar algo grande, e ao final do treino, chamar para conversar e resolver, caso necessário, o técnico intervém com alguma advertência ou punição. Até porque durante o jogo, o técnico por estar fora da quadra não irá conseguir resolver conflitos entre eles, por isso precisam aprender a solucionar problemas interpessoais. Na iniciação acontece mais por todos quererem a bola, querer fazer o ponto, chegar para os pais e contar que fez a cesta, sobressair com o amigo. Já nas idades mais avançadas, no alto rendimento, por entrar em questão a estatística, os conflitos são mais específicos pelos fundamentos cobrados.

## **ENTREVISTADO 2 (E-2)**

Nascido em 15 de julho de 1988, formado no curso de Licenciatura em Educação Física pela UNESP, *campus* Bauru, e bacharelado no Claretiano, em

Batatais. Atualmente, cursa mestrado na Unicamp com o tema “Uma proposta curricular para o desenvolvimento de atletas de 25 a 19 anos no basquetebol”. Destaca que não atuou em escola como professor regular, apenas como treinador de disciplina extracurricular, mas já teve diversas experiências como técnico e assistente técnico em alguns clubes como UNESP, *campus* Bauru, Bauru Basket sub-17, sub-19 e sub-22 e assistente do adulto, Campo Mourão, Sorocaba sub-12 e adultos, SESI Franca sub-19 e sub-22, Joinville e Rio Claro, atualmente.

1. Já foi atleta durante dez anos e acredita que apresente vantagens, mas que não seja suficiente em relação à definição enquanto profissional. Ainda acrescenta que, muitas vezes, pode atrapalhar se o profissional apenas usar o fato de ter sido atleta para não se atualizar, pelo fato de o basquete estar em constante mudança e evolução.

2. Cita que a maior dificuldade encontrada é, na maioria das vezes, as diferenças individuais de atleta para atleta e o maior diferencial do técnico é saber trabalhar essas diferenças e fazer com que o grupo como um todo evolua. Somado a isso, lembra de um caso desafiador, de rebeldia, em que o aluno se manifestava como vítima da sociedade, um atleta carente, o qual achava que todo mundo queria explorar ele. Mas no mais, a atenção é um fator importante de ser trabalhado e a aceitação de desafios por conta da superproteção dos pais.

3. Utiliza do conceito e tem como premissa de que o que os seus atletas são dentro da quadra, mas também são fora dela. Se o menino diante de um desafio desiste, ele é perfeitamente um reflexo fora da quadra, assim, não será um filho dedicado e nem um aluno dedicado na escola, sendo que dificilmente acontece o contrário. Ainda afirma que nos clubes que já atuou não havia o costume de cobrar boletim dos alunos.

4. Garante já ter ouvido sobre as Inteligências Múltiplas, mas que com certeza não programa seus treinos com base nisso, em compensação, seus treinos estimulam todo o contexto que elas abordam.

5. Como exemplo de metodologias utilizadas para ministrar seus treinos, ele cita exercícios em que se a equipe não se comunicar, a defesa vai continuar marcando até que o grupo se comunique (referência à Inteligência Verbal-Linguística), exercícios em que ele deixa de marcar situações de falta, estimulando seus atletas a resolverem seus problemas, sem depositar a culpa no árbitro ou no adversário (referência à Inteligência Intra e Interpessoal), exercícios de deslocamento e ocupação de espaço,



*timing* da jogada, situações em que os atletas decidam o que fazer e como resolver a situação para estimular, criar e resolver os problemas. O ponto mais importante da resposta foi o destaque para o momento em que ele ressalta que a “resolução de problemas” é o primeiro ponto a ser trabalhado em todo início de temporada em alguma equipe e a principal característica do perfil do seu time, o que foi demonstrado em todos os exemplos de metodologias e dinâmicas de exercícios, como justifica também o sucesso por onde passou.

6. Declarou ser muito claro e franco com seus atletas desde o início, e acredita que o que foi combinado não sai caro. Em situações que algum atleta perdeu a razão, ele aconselha ir para casa e esfriar a cabeça para que num outro momento oportuno as coisas sejam resolvidas. Geralmente ele não discute com os atletas, mas em situações de dois atletas desentenderem entre si, ele direciona para fora, retira do treinamento para reflexão sobre o acontecido. Cita já ter acontecido de ter pedido para que o grupo todo pagasse alguma punição por conta de um atleta ter feito algo, para mostrar que todos arcam com as consequências em situações como essa. Ainda pontuou que discorda de quem acredita que técnico não pode ser amigo do atleta ou ter alguma relação mais próxima. Ele acredita que essa relação técnico/atleta deve sim existir, até mesmo de serem confidentes, ainda mais em categoria de base, em que os pais não dão tão suporte afetivo.

### **ENTREVISTADO 3 (E-3)**

Nascido em 12 de julho de 1993, é formado na UNICAMP em Campinas (SP), no bacharelado e licenciatura em Educação Física, tendo concluído o curso no início de 2020. Especializado em Nutrição, está cursando mestrado pela UNICAMP em Psicologia do Esporte, com ênfase em motivação e ansiedade no esporte em geral. Destaca que atuou em escolas e segue atuando, além de realizar disciplinas no fundamental e aulas extracurriculares em duas escolas diferentes de basquete. Chegou a atuar em clubes, como mencionado em videochamada, tendo trabalhado na base do time de basquete Regatas Club, que é um clube desportivo argentino, o qual foi fundado em 27 de setembro de 1923, bem como ocupou o cargo de auxiliar técnico no time profissional do Vera Cruz, em que ganharam o paulista e demais campeonatos.

1. Foi atleta, jogou por Limeira até o juvenil, na época em que tinha Winner. Acredita que sim, um treinador com experiências anteriores como atleta representa vantagem como um líder de equipe, pois quem já foi atleta detém experiências que dão maior vantagem ao dirigir uma equipe, mas apenas se ele tiver um senso crítico, pois não adianta ter a ideia de que “Eu aprendi assim, irei repassar assim”, pois com o passar do tempo as coisas se modificam, bem como a característica dos times e dos atletas, então se ele não tiver um senso crítico de saber filtrar, não utilizará aquilo como uma vantagem, porém, de um modo geral essas experiências prévias ajudam de forma positiva na gerencia da equipe.

2. Afirma que lá na escola quando estava dando treinos foi um, lá na base foi outro, no profissional feminino outro, no universitário foi outro, então é difícil falar do esporte em geral, mas como exemplo cita-se o profissional a característica da ansiedade era mais trabalhada, pois elas já sabiam o que deveriam fazer, já eram atletas, em um com maior experiência de tempo jogando, já era bem coeso, acreditava na comissão técnica, então o principal nesta categoria foi atenção do que fazer em relação ao “treinamos isso e faremos isso”. Já nas bases, quando nos deparamos com categorias como 16 e 17 a ansiedade já é muito alta a motivação tem que ser muito trabalhada, pois os mesmos não sabem ainda o que farão da vida, as vezes o time não tem a próxima categoria, então terão que buscar outros times, muda um pouco o cenário, tem uma pressão de querer ser jogador, entra também um aspecto influenciador que são os fatores externos, como por exemplo o pai na torcida que muitas das vezes não ajuda, precisa-se ensinar os pais a torcer, diversas vezes ele quer ser o técnico do filho, tendo que ser trabalhado muitas vezes com os atletas e os pais, ao mesmo tempo pode-se ter um clube de sócios e bolsistas, onde muitas vezes o pai quer que o filho jogue, mas o mesmo não é tão bom assim, mas ele quer minutos de quadra, ficando o questionamento de qual é o objetivo do time, a gente vai ganhar? Ou a gente quer visibilidade? Então cada cenário foi um tipo de fatores psicológicos externos, mas dentre eles, na sua visão, de maior importância, foi a torcida sempre ter essa influência no atleta, pois ele fica ansioso, não sabe o que fazer por falta de atenção, já realizou bastante experiências, que foi o caso do treinador- atleta que foi bem difícil, pois as vezes o técnico usa um comando geral para todos os atletas, por exemplo ele grita com todo mundo, neste caso, metade do time funciona e a outra metade não, isto até mesmo na categoria dos 12 anos de idade, menciona ainda que quando foi atleta teve um técnico assim, acredita-se que depende muito do âmbito do

esporte que está inserido. No universitário fica mais claro a parte da motivação, porque no esporte universitário tem a pessoa que estuda, faz estágio, tem que jogar e ao mesmo tempo se o treino é na quinta tem a festa depois, então este foi um aspecto que teve que ser bem trabalhado, a coesão do time foi outro aspecto, pois as vezes havia um atleta extremamente federado, mas havia o atleta que estava começando, pois no universitário tem características de aprender um esporte novo, etc. Então como pode –se equilibrar esses dois no mesmo time? Então essa coesão do time tem que estar muito bem trabalhada e o senso de pertencimento, tendo que desenvolver desde o começo, afirma ainda, que chegou a pegar time com quatro atletas pois o técnico anterior havia feito um comando frustrado, então inicia-se um processo de construção, para levantar o time novamente. Quando se refere à motivação, existe todo um processo para chegar no que às vezes a pessoa quer, exigindo-se então vários fatores externos, podendo ser uma mensagem do técnico, um incentivo, pois a partir do momento que a pessoa começa a gostar daquilo, estabelece expectativas em cima de algo, tudo flui.

3. Afirma que gosta do pensamento que no esporte, no basquete, ela se revela como ela é, ou seja, ela irá se revelar nas quatro linhas, sendo assim, a relação disso para a vida, é que consiga melhorar aspectos no jogo, conseqüentemente melhorando esses aspectos na vida da pessoa. Destaca por exemplo, que se o atleta consegue controlar sua ansiedade num jogo, conseguira numa prova, num encontro, então o mesmo menciona que acredita muito nesta teoria, bem como para elementos benéficos, sendo eles: a melhora da frequência cardíaca, liberação do hormônio, etc. Que poderá ser utilizado tanto na parte social do indivíduo, como na parte educacional, não somente na área esportiva.

Na questão da relação com notas na escola e a prática, em sua experiência extracurricular não havia interferências quanto ao tema, pois as aulas praticadas eram por fora, sem ligação com matérias, um extra para competições relacionado ao basquete, então caso eles não obtivessem as notas era dentro dos limites da universidade/escola que deveriam corrigi-las, sendo as aulas de basquete sem qualquer relação. No entanto afirma não entender o conceito de retirar uma atividade que o filho/atleta goste e pratique para fins de melhorar seu comportamento ou notas na escola/universidade, pois pensa que isso pode não ser um combustível para a melhora significativa da criança/adolescente, já que as vezes o maior contato que tem é com o esporte e isso é tirado dele acarretando em diversas questões psicológicas.

4. Afirma que tem o conhecimento sobre a teoria das inteligências múltiplas. Já aplicou os fatores nos treinamentos, mas difere experiências, como por exemplo o fato de que o basquete é um esporte coletivo onde cada atleta tem um papel, tem-se aquele atleta que às vezes não é tão bom no jogo, mas com o grupo é motivador, sociável, conversa com todo mundo, já o outro tem uma comunicação diferente, em que entende melhor com anotações que repassa ao time. Assim, entende que conseguir desenvolver essas inteligências nos atletas/alunos facilita o trabalho do técnico e ajuda essa criança, adolescente, adulto, semiprofissional ou profissional a continuar exercendo suas funções tanto no basquete que ele vai conseguir desenvolver o que o técnico pediu quanto na vida, pois se o atleta consegue desenvolver, por exemplo, a capacidade de se comunicar em quadra verbalmente, ele também consegue desenvolvê-la na apresentação de um trabalho, pois utilizará os mesmos elementos. Assim, entende que pelo fato de o basquete ser um esporte coletivo, é possível ter diferentes percepções de formador, lateral, pivô, em que se nota diferentes tipos de inteligência, então, conseqüentemente, esses são fatores que devem ser treinados, ensinados e trabalhados.

5. Menciona que nas categorias iniciais (1 a 6 anos) esses fatores ainda não são trabalhados, podendo ser trabalhado somente a parte da comunicação e entrosamento dos menores. Já acima dos 13 é possível especificar mais, pois ali pode-se identificar alguns padrões como, por exemplo, aqueles que tem perfil de liderança, vez que conseguem entender melhor o que estou falando e até mesmo repassar aos colegas que sentem dificuldade em saber as jogadas, ou seja, será um aspecto que será maior trabalhado com ele.

6. Na última questão a ser discutida, cita como exemplo de experiência a realização de aulas com um time universitário feminino, na qual o período menstrual das atletas era exatamente na mesma semana, então, até entender esse processo, em que havia pré-jogos e ele cobrava do time e não fluía, de modo que uma ficava estressada com a outra por errar passes e, assim, queriam ir embora dos treinos, ele afirma ter realizado dinâmicas com o time e levado “doces” para um maior incentivo e desenvolvimento das meninas naquela semana por questões hormonais. Então, é muito importante identificar a causa, de onde está vindo a demanda, se é de um fator externo ou interno da quadra. Menciona também que no profissional havia duas atletas que estabeleciam uma relação entre elas, o que influenciava bastante no jogo

de forma negativa, demandando tempo. Ele tentou explicar para elas a importância de saber diferenciar os papéis para poder encontrar formas de melhorar o treino. Geralmente tem fatores que o próprio time consegue conversar e solucionar o conflito sem a intervenção do técnico, mas já em outros casos é necessário o diálogo entre treinador e atleta.

#### **ENTREVISTADO 4 (E-4)**

Nascido em 23 de outubro de 1964, formado em licenciatura plena em Educação Física pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais (SP) no ano de 1990 e trabalhou como professor substituto de educação física em escolas. Destaca que se dedicou mais como atleta atuando em clubes, sendo eles: Caldense, Minas Tennis Club, Flamengo, Franca, Rio Grande do Sul, Santa Cruz do Sul, Coque, Bauru. Trabalhou como técnico na seleção brasileira sub 16 e 17, também em Bauru e, posteriormente, efetivou o trabalho de técnico assistente do saudoso Tom Zé. Por fim, realizou o mesmo no trabalho no Minas Brasília Tennis Clube, equipe de futebol nas categorias de base e adultos, retornando à Caldense em Poços de Caldas, seu primeiro clube de trabalho.

1. Sim, destaca que não é primordial, mas ele afirma que um técnico com grande bagagem e experiência como atleta, principalmente aqueles de alto nível que chegaram ao profissional, tem grande vantagem como técnico tanto nas categorias base como nas profissionais. Entretanto, apenas isso não basta, sendo excepcional a parte teórica para um melhor desempenho do atleta ou do time. Ainda relata que as demais experiências, principalmente aquelas que o técnico que foi atleta teve com outros técnicos ao longo de sua vida, servem de ensinamento para ele saber o que fazer ou não para melhorar tanto a comunicação psicossocial com o time quanto a parte técnico-tática, mas acredita que sim, há grande vantagem ao atleta que passa a ser técnico.

2. Declara em seu depoimento que o ser humano é complexo, principalmente na relação de professor (técnico), ainda mais nas categoriais infantis, onde passa a ter uma maior demanda de atenção ao que se passará para as crianças já que o professor, mesmo que seja no esporte em si, de certa maneira, as estão educando. Já no profissional, a questão da vaidade daqueles jogadores que adquirem certo nível

de capacidade requer do técnico muita percepção e jogo de cintura para adquirir uma relação interpessoal com o jogador/atleta e com o time como um todo. Nas categorias de base a maior problematização, a qual já foi notado por ele, é na relação de pais e filhos (atletas), pois muitas vezes os pais acabam depositando uma expectativa em cima dos filhos, uma maior cobrança que fere a questão psicológica do atleta em caráter negativo. Portanto, acredita que os técnicos devem ajudar, mesmo que não sejam todos os atletas/alunos profissionais um dia, o que for repassado a eles terá valores muitos significativos como cidadãos.

3. Na questão atitudinal, envolve regras comportamentais e atitudes e o esporte tem tudo com esses aspectos, tendo que saber lidar com suas limitações, com as limitações do seu companheiro, com a limitação da equipe, as virtudes, as falhas e para isso são necessárias regras para que cada um saiba o que tem que fazer e quando tem que fazer. Para que a evolução seja contínua, afirma ainda que o esporte é o melhor local para se ensinar alguém. Acredita que em partes, sim, o aluno pode ser o reflexo do que é em quadra, mas também o meio que a pessoa se instala pode desvendar um lado seu ao qual em quadra não transparece, portanto, no meio em que está, mostra um lado ao qual foi influenciado/engajado a mostrar, então ao seu ver depende do cenário que se está envolvido. Afirma ainda que às vezes pode se ter um líder dentro de quadra ao qual o aluno/atleta se espelha, no entanto, fora dela pode não ser o mesmo caso, então talvez possa fugir um pouco da realidade em quadra, portanto não acredita que se um indivíduo é de um jeito em quadra ele será do mesmo fora dela, pois na quadra pode se ter um professor líder de uma maneira, em casa pode ser outra realidade, e na escola também. Destaca também não acreditar que a retirada das atividades que a criança/adolescente gosta de frequentar com base em uma forma de puni-lo por muitas vezes não é eficaz, acredita-se que primeiramente deve-se dar a oportunidade dele se redimir, pois por muitas vezes a punição não irá resolver, mas sim afastá-lo ou até mesmo gerar uma frustração principalmente no caso dos adolescentes. Relembra, ainda, que na sua geração prevaleciam muitas características da cultura militar que haviam se passado na ditadura, sendo a maior delas a autoridade, o mandar, onde se a criança/adolescente não obedecessem eram punidos de forma mais severa, já hoje em dia não há comparação com 40 ou 50 anos atrás, portanto, a forma de lidar com os mesmo deve ser diferente, mais comunicativa, com maior espaço, mais ensinamentos e dialogo, já que nesta fase muitos deles

apenas reproduzem o que já vivenciam, então deve-se compreender o que você está passando aquele indivíduo.

Os técnicos devem ajudar na formação destes, mesmo que não sejam todos atletas profissionais um dia, o que for repassado a eles terá um valor imensurável não somente no âmbito físico, bem como no seu desenvolvimento e na formação de melhores cidadãos

4. A respeito da categoria das inteligências múltiplas, afirma que já leu sobre, mas pensa que cada indivíduo tem sua área, dom ou particularidade e que trabalha sem ter muita profundidade no tema em questão, destacada que dentro do mesmo, o mais relevante para a profissão seria a síntese corporal, interpessoal e intrapessoal, relata que as vezes o técnico pode-se ter uma relação muito boa com o grupo, no entanto com ele mesmo não, pode haver vários traumas e medos, fortificando a ideia de que tanto quanto o atleta os técnicos deveriam ter um acompanhamento psicológico. Por fim, afirma que acredita ser os três itens que mais se encaixam dentro do esporte e que não tem muita profundidade com o assunto.

5. Neste aspecto, acredita que existe grande carência nos jogadores da atualidade no controle corporal, até mesmo por conta da tecnologia que, muitas vezes nas categorias de base ou infantil, os atletas (crianças e adolescentes) passam grande parte de seu tempo no computador, celular, videogames, logo, sempre iniciam seus treinos fazendo atividades de coordenação corporal e força, principalmente no basquete, em que há lateralidade e é necessário saber trabalhar com a mão direita e esquerda, corridas, paradas, arrancadas, etc. Trabalhando com conceitos, decisões repassando as possibilidades em cada situação, tentando desenvolver dessa maneira um melhor jogo.

6. Dentro do conflito, argumenta que procura buscar quem deu início aquela discussão, desentendimento e o motivo dos quais ele se procedeu, quando decorre de um contato de jogo, gerando uma briga ou até mesmo uma marcação do outro para querer revidar, deve-se intervir, pois todo esporte que requer contato, pode-se gerar possíveis tensões quanto a acertar o outro, que por vezes num momento explosivo, pode levar para o lado pessoal, tendo que ser conversado com eles. Já no profissional passa a ser um pouco mais complexo, já que o adulto pode ser mais “cabeça-dura”, tendo que ser mais flexível.

### ENTREVISTADO 5 (E-5)

Nascido em 01/05/1981, se formou em educação física Centro Universitário do Triângulo-Uberlândia em 2003, fez especialização em fisiologia do exercício na faculdade Veiga de Almeida- Rio de Janeiro (onde é docente na área de desporto coletivo), faz Mestrado na Universidade de Uberlândia na linha de Pedagogia do Esporte.

Atuou em escola durante 6 meses (1 a 4 série) em Uberlândia. Tinham já uma ideia de projeto e metodologia dentro da Pedagogia do Esporte e da Iniciação Esportiva Universal, foram 6 meses de bastante empenho e um trabalho construtivista, era notório o resultado satisfatório onde as crianças adquiriram gosto pela prática, atingindo o principal objetivo do projeto, mas em compensação, era uma carga horária pequena, por onde recebeu uma proposta do Praia Clube Uberlândia, comprando o projeto, atuando período integral, em 2004/05.

Atualmente é coordenador técnico do Caiçaras Country Clube, foi assistente técnico do Sorocaba- Adulto, Basquete Cearense no NBB, e 3 anos na Seleção Brasileira de base.

1. Foi atleta, com passagens na seleção mineira e alguns clubes da região. Acredita que pode ajudar sim, mas nada justifica que aquele que teve passagens como atleta estará mais bem preparado que o outro, pois nem sempre a vivência se sobressai aos estudos e conhecimentos teóricos. Existem situações de jogo que podem ser facilitadas por esse fato, mas em compensação existem outras que atrapalham. Cita um exemplo que poucos devem ter conhecimento sobre um caso de uma referência dentro do basquete mundial, Rubén Magnano, que era professor de Educação Física e não atleta, e foi o único técnico da América Latina a ser campeão olímpico.

2. O maior problema enfrentado se dá por conta de a geração de hoje ser muito diferente da de antigamente, uma geração insegura, desmotivada, e as prioridades deles não é mais se dedicar dentro de quadra, buscar superação, espírito de jogo, por esse motivo, ser responsável pela Iniciação Esportiva no Brasil está ficando cada vez mais difícil. Relaciona a disputa do esporte com outros meios de atração que as crianças de hoje estão dando prioridade, shoppings, jogos eletrônicos, internet. Conclui que a maior dificuldade foi ensinar esses valores, ser e não ter, querer estar



lá, entender os motivos, incentivar, motivar, lutar por aquilo que não tem mediante a uma sociedade e realidade onde se tem as coisas muito fáceis.

Vivenciamos hoje um cenário de grandes dificuldades no meio esportivo, devido à grande proporção do meio tecnológico, no qual se tem maior investimento e atenção da geração atual, onde a dedicação é bem menor não só dos atletas, como dos pais que dão maior importância em investir em distrações para a criança/adolescente e, raramente optam em praticar alguma atividade física com eles, o que dificulta em conquistar atenção desses atletas, bem como, superação e aprendizado.

3. Declara que nunca foi só o basquete, o esporte serve como uma plataforma/mecanismo de transformação de vidas. Ele divide em duas partes importantes, valores e atitudes. Uma é a partir do momento que se trabalha os valores, ideias éticas, que permite emitir juízo sob uma conduta, como exemplo a solidariedade, responsabilidade, comprometimento, e a outra é a partir do momento que a atitude é trabalhada, a forma de realizar a conduta de acordo com os valores determinados. O basquete tem que ser usado como catalizador para poder melhorar a vida das pessoas, independente se vai virar atleta ou não, mas contribuir para se tornar um cidadão de bem, repassando de geração em geração. Ainda ressalta sobre o que acredita ser nosso legado, como profissionais da área, ensinar esporte é muito fácil, qualquer um ensina, até quem nunca jogou. Nossa missão é transformar vidas através do esporte. Sobre a relação acadêmica dos atletas nos clubes que passou, diz que a maioria dos clubes atualmente buscam rendimento, e não o histórico do atleta em relação a graduação, e isso era a luta dele nos clubes, dando o exemplo de que se um atleta bom se lesiona, e não concluiu sua formação acadêmica, ele tem sua carreira comprometida.

4. Tinha conhecimento sobre a Teoria das Inteligências, porque esse conteúdo irá fazer parte do seu mestrado, e já apresentou um trabalho sobre, mas na parte prática.

5. Essas manifestações pelo Gardner que podemos adotar dentro do basquete, dentro do jogo, aplicações que envolvam o jogo propriamente dito, brincadeiras com caráter competitivo, movimentos e ações semelhantes ao esporte, e com isso identificar cada uma das inteligências. Na Cinestésica corporal, relata o trabalho focado na identificação do controle do corpo nas mais variadas formas, posições, durante dribles, arremessos, passes, execução de técnicas de movimentos no geral.

Na espacial, lateralidade, noção de espaço na condução de bola frente a uma defesa por zona ou individual, movimentação para a cesta. No musical, durante o jogo, seja ele qual for, é notório a produção de sons, do quicar da bola, ruídos dos passos ao correr, levando a percepção dos vários ritmos. Na lógico-matemática, a análise de vantagem e desvantagem numérica é um ponto crucial no basquete, o jogador que tem essa percepção pode usar isso como uma vantagem, outro ponto dessa inteligência são os diferentes tipos de defesa 2x3, 3x2, 2x1x2. A verbal-linguística, está na comunicação típica da modalidade, termos estrangeiros, como *pick and roll*, *suffle*. A interpessoal, e o relacionamento entre jogadores com prestadores de serviço, comissão técnica, companheiros de equipe, fazem a diferença quando se trata de um atleta completo não só dentro de quadra, assim como na intrapessoal que é conhecer seus limites em determinadas situações, a capacidade de se adaptar, que se atrela aos valores aplicados pelos seus educadores sob pressão muitas das vezes.

6. Para ele, em todo começo e temporada deixava-se claro que o time sempre vem em primeiro lugar. Logo, não existe problema de um, mas o problema da equipe, de modo que eram estabelecidas em contrato informal normas e regras, em que o atleta assinava e acordava em segui-las. Ele escolhia seus líderes de equipe, pois não estaria a todo o momento com a equipe, dentro de quadra, principalmente porque ela deve resolver e entender tudo que acontece sem que isso afete no jogo.

### **ENTREVISTADO 6 (E-6)**

Nascido em 14 de abril de 1994, graduação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutorando também por essa instituição. Não trabalhou em escolas. Efetuou trabalhos em diversos clubes, mas atualmente se encontra no Blumenau de Santa Catarina em todas as categorias, desde as de iniciação até as de adulto.

1. Relata que já foi atleta, exercendo suas atividades na seleção paulista até os 17 anos de idade, logo após foi para o time de sua universidade. Considera relevante a experiência como a atleta, pois a partir de sua vivência no esporte poderá auxiliar de acordo com o que vivenciou até ali. No entanto, não é um requisito, mas pode sim dar uma maior vantagem de entender melhor o que o atleta está sentindo.

2. Destaca como dificuldade a insegurança da categoria jovem, o que culmina em maiores conflitos, como autoestima baixa, dúvidas, maiores frustrações com jogos, dentre outras. Já nas categoriais acima de 18 anos, afirma ser notável, em alguns casos, o problema financeiro, pois alguns dependem do esporte para conseguir uma bolsa, já outros estão mais pela diversão.

3. Afirma estar muito presente no meio acadêmico e que gosta de influenciar seus atletas/alunos a estarem sempre estudando algo, pois considera a parte teórica muito importante. Em relação a utilizar o basquete ou esporte como forma de punição para notas baixas na escola ou em outra área, acredita não ser este um meio eficaz, então prefere deixar a cargo dos pais a decisão. Caso eles informem que o atleta/aluno está com notas baixas, busca conversar com ele, deixando os pais sempre cientes do que está sendo repassado aos filhos.

4. Informa ter conhecimento das inteligências múltiplas, mas não aplica de forma sistematizada, utilizando mais da parte de estímulos, neurociência do esporte, trabalhando de várias formas um mesmo tema para que seja mais fácil o entendimento dos atletas. Trabalha de forma dinâmica, aplicando um pouco de cada uma, mas não necessariamente uma como regra.

5. Destaca dar mais prioridade à variedade de estímulos, passes, brincadeiras de lógica, noção de espaço, equilíbrio, dentre outros.

6. Em relação aos conflitos, utiliza sempre o diálogo com os atletas, já em casos mais graves estabelece as regras e, caso ocorra alguma briga ou conflito, há a expulsão do jogo, de modo que, dependendo da situação prefere uma intervenção direta.

### **ENTREVISTADO 7 (E-7)**

Nascido em 20 de março de 1989, formado pela UNESP, *campus* Bauru, no ano de 2014, licenciatura e bacharel pela faculdade Anhanguera, nunca atuou em escolas, já como técnico e auxiliar técnico em clubes participou do *Bauru Basket*, morou na Austrália e participou de alguns clubes enquanto esteve lá. No entanto, como atleta, profissionalmente nunca chegou a jogar, ficou até a categoria sub-19 pelo *Bauru Basket* e encerrou suas atividades como jogador.

1. Acredita que um jogador que passa a ser técnico tem maior vantagens sim, melhor desempenho ao dar instruções, jogadas, tempo, afirma que é importante pois a experiência faz com que o técnico saiba alguns atalhos no caminho ou no jogo para auxiliar o atleta, sendo bem mais fácil. Afirma que trabalhou com dois técnicos e que um deles havia uma grande sensibilidade de jogo por já ter vivenciado aquilo, como um atleta, jogou até mesmo na seleção brasileira, e relata que sua percepção de jogo era bem mais eficaz.

2. Relata que sua maior dificuldade psicossocial com os atletas/alunos está no entendimento do jogo, compreender a explicação, a tomada de decisões no jogo de forma autônoma principalmente na categoria sub-15 e sub-16, e a superproteção e a interferência dos pais tanto no jogo como no desenvolvimento no esporte daquele atleta, sendo um processo contínuo, que requer tempo, que por vezes os pais não entendem ou não sabem aguardar, de forma que pressionam e cobram além do que aquele indivíduo pode, causando frustrações onde muitos abandonam o basquete ou o esporte em si. Não consegue saber ao certo qual a diferença na formação de atletas da Austrália comparada ao nosso país, mas pode-se notar que lá as turmas eram cheias, desde pequenos, tanto de meninos quanto de meninas, faziam mini-jogos para que ninguém ficasse de fora, tinham gincanas e festivais, muita repetição de exercício, e muito incentivo, o que por si só já torna uma realidade totalmente diferente do nosso país.

3. Na questão atitudinal, afirma que não somente o basquete, mas o esporte em si, repassa uma disciplina maior aos atletas, auxiliando no raciocínio mais rápido, na tomada de decisões, socialização e comunicação. Relata não concordar com o método de utilizar o esporte, como punição ou ameaça nos ensinamentos daquele indivíduo, por outros motivos como notas baixas, ou comportamento em casa, afirma que deve incentivar e se comunicar com a criança nesses casos.

4. Já havia ouvido sobre, mas não tinha conhecimento específico de cada uma das oito inteligências.

5. Quanto as inteligências múltiplas, afirma ter lidado com muitos atletas com dificuldades de marcação, passe ou até mesmo espaço de jogo, então realizava um processo dinâmico com jogos adaptados e realizados com base nas dificuldades maiores do jogo, utilizando bastante técnicas de acordo com as situações, bem como técnicas individuais tentando gerar uma melhora gradual no desempenho como um todo.

6. No questionamento de o técnico ter que intervir em uma situação pessoal que estava prejudicando o desempenho do jogo, destaca que aconteceu apenas uma vez com dois jogadores de fora, onde eles moravam juntos e por motivos pessoais, algum conflito sem relação com o basquete em si, estava prejudicando o desempenho dos mesmos e até mesmo gerando uma briga, uma discussão, onde precisou da interferência do técnico para solucionar o conflito por meio da comunicação com os dois jogadores.

### **ENTREVISTADO 8 (E-8)**

Nascida em 25 de outubro de 1957, na cidade de Penápolis, situada no estado de São Paulo. É formada em Serviço Social pela Instituição Toledo de Bauru, pós-graduada em Treinamento Deportivo pela Salesiano de Lins, além de ter cursado 4 anos de Magistério. Atualmente exerce a função de professora de Educação Física na Escola Criarte, sendo também a responsável pelo Projeto Suzete Basquete há 22 anos.

1. Já foi atleta, inclusive de muito renome. Dedicou-se 14 anos de sua carreira à seleção brasileira, sendo por 11 anos capitã (de 1975 a 1986), fora passagens por clubes como Bauru Tênis Clube (B.T.C), Santo André, Jundiaí e Sorocaba. Acredita que o técnico que já foi atleta apresenta vantagens pois ele possui vivências de dentro e fora das quadras desde a sua formação (base) ao profissional, que com certeza ajudarão seus comandados.

2. Atualmente, pelo fato de trabalhar com esta geração dos 04 aos 17 anos, que está extremamente conectada a tecnologia de certa forma até precoce, acredita que o maior problema encontrado seja a falta de atenção, concentração e ansiedade das crianças e adolescentes devido aos níveis altos de inserção no mundo tecnológico.

3. É defendida por ela a ideia de que os profissionais da área podem e devem sempre utilizar o esporte como ferramenta de transmitir valores atitudinais como respeito e disciplina, onde a escola e o esporte devem que caminhar juntos. Como seu projeto é aliado a uma escola, essa união facilita o trabalho multiprofissional, sendo cobrados os boletins e um acompanhamento de como é o comportamento fora

de lá, onde situações em que uma dessas vertentes, se fora do proposto, o atleta ficava de fora dos jogos.

4. Já tinha conhecimento sobre as Inteligências, mas não se baseia diretamente nelas os seus treinos, porém elas fazem parte do contexto.

5. Nas categorias iniciais eles prezam muito jogos e atividades lúdicas, com bexigas, bambolês, bolas variadas, cones, de forma que a criança aprenda brincando, vivencia algumas regras do basquete em si, mas com algumas adaptações.

6. Os profissionais do projeto procuram resolver da forma mais sincera possível com os atletas, pois eles estão em constante desenvolvimento físico, mental e emocional e precisam ser orientados em qual caminho seguir. Se atentando sobre o princípio da individualidade, diferentes personalidades e como o tempo e a convivência todos passam a se entender mais, a linguagem e leitura de cada um, facilitando no trabalho em equipe.

### **ENTREVISTADO 9 (E-9)**

Nascido em 24 de agosto de 1973, é formado em Muzambinho pela Escola Superior de Educação Física, onde é atualmente o IFSULDEMINAS. Concluiu sua graduação em Educação Física em 1996, licenciatura plena na época. Atualmente é Pós-Doutor em Didática pela UNIFRAN. Já atuou em escolas como professor de educação física, bem como técnico de basquete extracurricular, mas apenas em um clube.

1. Acredita que um técnico que foi atleta, obtém sim maior vantagem diante do seu grupo/time, afirma que foi atleta profissional até os 18 anos, e depois jogou no adulto de forma informal com campeonatos regionais. Acredita não ser um requisito, mas que ajuda muito ter feito o papel de atleta também pois a própria experiência, dicas e desempenho que o técnico teve como atleta pode influenciá-lo a ajudar um atleta facilitando o processo evolutivo.

2. Afirma que é uma combinação de diversos pontos a se enfrentar, no entanto o maior destacado foi a relação interpessoal, mas há vários casos notáveis como a dificuldade de concentração, egocentrismo, terceirização de problemas em quadra, autoestima baixa, dependendo muito da equipe que está trabalhando, mas ainda se tratando das relações interpessoais do senso de coletivo do grupo, e o técnico saber

ser o jogador secundário na equipe. Quanto a problemática dos pais afirma ter menores problemas, mantendo um diálogo com os pais e que isso depende muito da idade dos atletas, mas acredita que culturalmente a forma de torcer para todos muitas vezes é exagerada e a dos pais que participam da vida daquele atleta é ainda maior, mas é importante colocar os pais no seu lugar e saber se posicionar com os pais.

3. Quanto ao estabelecer notas com o intuito de troca pelo jogo, afirma não acreditar muito nesta teoria apesar de em escolas já ter realizado, pois como educador, acredita estar atrapalhando aquela criança/atleta ao invés de ajudá-lo, portanto afirma que não deve ser utilizado como um requisito para o jogo e sim, incentivá-lo ou dar orientações de forma sugestiva para melhorar seu desempenho. É importante também entender até onde vai o papel como técnico até mesmo para não interferir na vida e na educação daquela família, sendo principal objetivo dar o seu melhor como técnico e pessoa para auxiliar no desenvolvimento no esporte, mas também como cidadãos para aquelas crianças/atletas.

4. Não trabalha diretamente com as inteligências múltiplas/emocionais, mas acredita na atividade física de maneira que costuma dividir em alguns eixos.

5. Tem como metodologia a divisão de alguns eixos conceituais, atitudinais e procedimentais, sendo o procedimental: coordenação motora, gesto de arremesso/passe, literalidade etc. Atitudinal: excelência, efetivação nos treinos, aproveitamento, pensamento coletivo. Conceitual: conhecer, fazer, teoria. Portanto, afirma não acreditar possível uma definição, uma divisão dos atletas quanto as inteligências múltiplas, acredita muito na corporeidade, que corpo e mente andam juntos, então dá preferência para brincadeiras com dinâmicas onde pode inserir ensinamentos como logica, memorização, espaço e tempo, dentre outros.

6. Depende muito da característica do grupo, afirma ainda, como exemplo a diferença de lidar com os problemas numa equipe de meninos em uma equipe de meninas, pois são problematizações diferentes, o Brasil já se apresenta como uma cultura machista os meninos tendem a ter comportamentos mais agressivos aos quais precisa ser lidado de maneira diferente, já no caso das meninas são muitas vezes problemas verbais, emocionais, necessitando também de uma conduta diferente. Destaca também que muitas vezes ao intervir acabava gerando maiores problemas, então com o tempo aprendeu a deixar que se resolvessem entre eles, interferindo somente em último caso.

## ENTREVISTADO 10 – E10

Nascida em 18 de novembro de 1990, formada na UNICAMP pelo Curso de Bacharelado em Ciências do Esporte no ano de 2012. Fez também o Mestrado e o Doutorado na área da Biodinâmica do Movimento e Esporte. Como experiências na parte profissional, atuou no esporte universitário e, desde então, no Nosso Clube, em Limeira, onde atua atualmente nas categorias sub-12 a sub-15.

1. Já foi atleta e acredita que pode ter alguns conhecimentos adquiridos ao longo da vivência, como liderança, lidar com outras pessoas, assim como todos os esportes coletivos irá proporcionar, mas não que seja determinante.

2. Em relação aos problemas psicossociais já vistos em suas categorias, a ansiedade principalmente nesse período pós pandemia é o mais preocupante, por ter ficado muito tempo dentro de casa, e de uma hora para outra voltar a ter muitas atividades escolares tem chocado bastante e contrastado a realidade deles.

3. Relata que nas categorias iniciais há sim um contato com os pais, reuniões em que eram estabelecidas algumas regras e onde havia feedbacks de como o aluno estava se comportando, mas essa conversa também acontece em jogos em que os pais estão presentes, e das categorias acima o contato é diretamente com os atletas.

4. Sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas, já tinha ouvido falar, mas não tem conhecimento sobre cada uma delas.

5. Por ter estudado e se especializado na área da Pedagogia do Esporte, defende a ideia e aplica a metodologia de aprender através do próprio jogo, “aprender a jogar jogando”. Utiliza muito trabalho de mobilidade antes de iniciar o treino, prezando pela prevenção de lesões, exercícios de equilíbrio e propriocepção. Posterior a isso, sempre que um jogo exija situações de placar e cronômetro, entendimento de espaço de quadra, reposição de espaços, tomadas de decisão, entende serem necessários minijogos que forcem eles a ter uma movimentação de bola mais ativa e uma participação global da equipe e, ao final o jogo, que por vezes tem alguma intervenção dela ou até mesmo os que não têm, para que eles saibam resolver, desenvolvendo suas estratégias.

6. Estabelece como prioridade do seu trabalho o diálogo. Procura tentar entender as perspectivas e, por vezes, também deixa que seus atletas de forma mais



autônoma saibam resolver os conflitos entre si, mesmo já sabendo que seria uma situação dificultosa.

### **ENTREVISTADO 11 (E-11)**

Nascido em 25 de janeiro de 1980, formado pela Faculdade Integrada Einstein de Limeira no ano de 2016, bacharelado e licenciatura em Educação Física, não trabalhou em escolas, nem mesmo com atividades extracurriculares de basquete nas escolas. No papel de técnico desempenhou atividades em clubes, como Winner Limeira Basquete e Associação Atlética Caldense, nas categorias adulto e sub-19.

1. Já foi atleta profissional durante muitos anos, mais ou menos dos 17 aos 32, em times como Minas Tênis Club, Bauru Basquete, Assis, Basquete São Paulo, UNIFEOB, dentre outros. Acredita ter maior vantagem, mas não é determinante para ser um bom técnico, pois uma pessoa que tenha cursado aquela disciplina pode ter um bom desempenho como técnico da mesma forma, no entanto, por conta das experiências vivenciadas, muitas vezes aquele que já foi atleta consegue auxiliar de uma forma melhor, sendo um ponto muito positivo dentro das quadras.

2. Relata que, como ministrava aulas em clubes categorias sub-19 e universitários, uma das maiores dificuldades no meio psicossocial foi o envolvimento com drogas de alguns atletas, atrapalhando o desenvolvimento, aproveitamento e o diálogo com eles, gerando uma quebra no time como um todo. Já nas categorias sub-15 e 16 ministradas na Caldense, alega ter tido uma maior dificuldade a cada ano, já que era notável nos alunos/atletas uma menor condição motora e de movimentação a cada geração, com obstáculos no ato de correr, arremessar, sendo mais difícil entrar em conformidade com o esporte em si, já que muitos deles até nem sabem o porquê de estarem lá, visto que grande parte vão obrigados pelos pais, então não se dedicam ou sentem vontade de melhorar no esporte, existindo também a competição do esporte com a tecnologia que atualmente modifica totalmente a atenção, o foco, a autoestima, dentre outros fatores, ou seja, são atletas/adolescentes bem mais complicados de repassar as atividades.

3. Afirma ter uma certa tradição na Caldense, local onde trabalhou, onde a relação com os pais é bem próxima, onde eles visualizam que o técnico está auxiliando até mesmo na educação dos filhos, ocorrendo as vezes de os pais pedir ajuda em relação as notas baixas e também pais que tiraram o adolescente do

basquete, posição a qual não concorda, pois acredita que retirar o atleta do esporte não o fará estudar mais e as vezes até não estudar por se sentir com raiva ou nervoso pela contradição, não acreditando nesse caminho e também nunca cobrou notas dos mesmos para jogarem, deixando a decisão somente para os pais.

4. Já estudou sobre a teoria das inteligências múltiplas, mas afirma não pautar seus treinos com base nela, mas relata ser notável a aplicação das inteligências múltiplas em treinos/jogos.

5. Não necessariamente utiliza a teoria das inteligências em regra, mas ministra os seus treinos com dinâmicas que as estimulam, atividades de espaço em quadra, sendo maior a realização de ensinamentos com a comunicação e ação, dentre outras, utilizando o método global/parcial, coletivo/individual.

6. Na categoria acima dos 19 anos, afirma que os conflitos necessitavam de diálogo, então procurava nunca deixar passar daquele treino conversando com os atletas e mantendo um respeito mútuo já que todos já eram homens, então não pode ser uma relação de obediência, mas sim de diálogo e respeito entre eles. Já nas categorias ministradas entre 14 e 16 anos é mais difícil de lidar, onde já teve caso de o menino estar frustrado por não jogar tão bem e acaba por descontar em outros colegas de forma agressiva durante o jogo, sendo necessária a intervenção direta.

## ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Dados pessoais:

Nome:

Data de Nascimento:

Nível de formação:

Graduação completa em: Licenciatura Plena, Licenciatura e/ou Bacharel.

Onde se formou, e em que ano:

Especialização (se sim, nome e ano):

Pós-graduação (se sim, nome, nível e programa):

Experiências profissionais:

Já atuou em escola? Qual período?

Já atuou em clube? Qual categoria?

1. Você já foi atleta? Acredita que um treinador, com experiências anteriores como atleta, apresenta vantagens na sua atuação liderando uma equipe?

2. Qual a maior dificuldade encontrada, a ser trabalhada dentro do esporte, no âmbito psicossocial? (atenção, ansiedade, traumas psicológicos, foco, motivação, concentração, agressividade, dentre outros)

3. Como você relaciona o esporte em si com a questão acadêmico-atitudinal?

4. Você tem conhecimentos sobre e elabora seus treinos com base nas inteligências múltiplas? Você aplica os 8 tipos conhecidos pela literatura? Se sim, como?

5. Em casos que não conheça as Inteligências Múltiplas, dê exemplos de métodos que utiliza para ministrar as aulas

6. Como você administra conflitos interpessoais nos treinamentos?